



**CÂMARA MUNICIPAL DE
SÃO PAULO**

SECRETARIA GERAL PARLAMENTAR
Secretaria de Registro Parlamentar e Revisão

COMISSÃO DE SAÚDE, PROMOÇÃO SOCIAL, TRABALHO E MULHER

PRESIDENTE: ELY TERUEL

TIPO DA REUNIÃO: Audiência Pública
LOCAL: Câmara Municipal de São Paulo
DATA: 19 de Setembro de 2025

OBSERVAÇÕES:

- Notas taquigráficas sem revisão
- Manifestação fora do microfone
- Tumulto

21360

A SRA. PRESIDENTE (Amanda Paschoal) - Muito boa noite, pessoal. Muito feliz de receber e ver esse salão cheio para que nós possamos debater esse tema tão importante, tão fundamental. Mais importante do que toda e qualquer coisa que eu possa dizer aqui é poder ouvir todas as pessoas que vão compor essa Mesa, que vão construir essa grande audiência. Estou ao lado da nossa Deputada Federal Erika Hilton.

Na qualidade de membro da Comissão de Saúde, Promoção, Social, Trabalho e Mulher, declaro abertos os trabalhos da 7ª Audiência Pública Semipresencial do ano de 2025, nos termos do Requerimento 32/2025, de autoria da Vereadora Amanda Paschoal, convocada para hoje, para discutirmos o tema Transmasculinidades e Saúde Mental.

Informo que essa reunião está sendo transmitida pelo portal da Câmara Municipal de São Paulo, no endereço www.saopaulo.sp.leg.br em auditórios *on-line* link auditório virtual no canal do *YouTube* da Câmara Municipal de São Paulo.

Passo a palavra ao Mestre de Cerimônias, Sr. Julian Santos, para a condução dos trabalhos.

MESTRE DE CERIMÔNIAS – Quero cumprimentar a Deputada Erika Hilton e a Vereadora Amanda Paschoal. Gostaria de fazer uma pergunta um pouco óbvia, tem alguma pessoa transmasculina aqui hoje? Quem concorda que essa é uma pauta importantíssima levanta a mão.

Muito bem. É sobre isso, galera. Espero que a gente esteja cada vez mais antenado a essa pauta e que possamos debater isso entre nós. Que sirvamos de um ombro amigo para ouvir o nosso próximo, ouvir os problemas, as soluções e que tenhamos, também, entre os nossos, esse apoio. Não esperar só de fora. De fora é muito importante, mas que possamos seguir os exemplos das travestis que se ajudam, que estão ali apoiando umas às outras. Então que a gente também consiga fazer isso entre os nossos. Fechou?

Hoje a gente vai falar sobre essa pauta importante. Para apresentar a vocês quem vai estar na nossa Mesa hoje, vou ler sobre algumas potências que a gente vai receber.

Para compor a Mesa, convidamos: Arthur Bento, multiartista de 26 anos, nasceu e

CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
SECRETARIA DE REGISTRO PARLAMENTAR E REVISÃO – SGP.4
NOTAS TAQUIGRÁFICAS SEM REVISÃO

REUNIÃO: 21360 DATA: 19/09/2025 FL: 2 DE 66

cresceu em Salvador, Bahia, e desde 2021 vive em São Paulo, onde consolidou sua trajetória no cenário da moda e das artes. Iniciou sua experiência profissional como vendedor, mas encontrou na produção de moda seu verdadeiro caminho, participando de desfiles e eventos na cidade e expandindo sua atuação como modelo, ator e comunicador. Sua carreira inclui trabalhos para grandes marcas, além de protagonizar o curta-metragem *Sonhos de Diadema*. Uma salva de palmas para o Arthur Bento, lindo e maravilhoso. (Palmas)

Agora sim, convidamos a Deputada Erika Hilton e a Vereadora Amanda Paschoal. Muito barulho. (Palmas)

Também convidamos Luca Scarpelli, publicitário, apresentador e criador de conteúdo, homem trans, reconhecido por falar sobre saúde mental, diversidade e vida adulta de uma forma leve e acessível, criando conexões genuínas com o seu público. Por favor, Luca Scarpelli. Muito barulho. (Palmas)

Agora, quero chamar o Preto Téó, poeta, performer e produtor cultural baiano, radicado em São Paulo. Atua desde 2016 na gestão de projetos que unem arte, identidade e resistência, colaborando com artistas como Jup do Bairro, Linn da Quebrada e Assucena. Imperador da Casa de Candaces. Integra a cena Ballroom e organizou a 3ª Black N' Gold, na Bienal Internacional de São Paulo. Compõe o Coletivo Marginália, onde atua como mestre de cerimônias e produtor executivo. Sua escrita parte de vivências como corpo transmasculino negro, propondo cura, ancestralidade e resistência ao apagamento. Por favor, Preto Téó. Muito barulho. (Palmas)

Leo Paulino Barbosa é um homem trans, pessoa com deficiência e idoso, com uma trajetória marcada pelo ativismo em Direitos Humanos, especialmente nas pautas das transgeneridades. Bacharel em Direito, é fundador do Ibrat no Grande ABC Paulista e foi um dos principais articuladores pela implantação do ambulatório trans em Santo André. Desenvolve ações voltadas às travestis da Avenida Industrial, no mesmo município, e realizou iniciativas em apoio às travestis em reclusão no CDP Pinheiros. Reconhecido por sua dedicação em impacto social, recebeu três homenagens na Alesp e foi vencedor do Prêmio Claudia Wonder, em 2020.

CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
SECRETARIA DE REGISTRO PARLAMENTAR E REVISÃO – SGP.4
NOTAS TAQUIGRÁFICAS SEM REVISÃO

REUNIÃO: 21360 DATA: 19/09/2025 FL: 3 DE 66

Por favor, Leo Paulino. Muito barulho. (Palmas)

Juca Martins é transmasculino, psicólogo, formado pela Unesp de Assis com atuação na clínica, no social e na pesquisa. Integrante do Mapeamento Trans do Estado de São Paulo. Hoje coordena a pasta de pesquisa do Ibrat SP, articulando dados de conhecimento em diálogo com o movimento social e defendendo práticas múltiplas de cuidado em saúde. Por favor, Juca Martins. Muito barulho. (Palmas)

A SRA APRESIDENTE (Amanda Paschoal) – Obrigada, Julian.

Agradeço mais uma vez a todos que estão compondo a Mesa. Tenho certeza de que será um debate riquíssimo.

Saúde mental é uma pauta realmente muito difícil para toda a comunidade trans, mais para as pessoas transmasculinas, que têm essa dificuldade com a falta de levantamento de dados, a falta do empenho das instituições como um todo, para garantir que a saúde seja estudada. E, muitas vezes, nós temos que fazer isso com as nossas próprias mãos. Vemos o trabalho fundamental do Ibrat, de pessoas também que constroem dentro da academia os dados sobre a saúde mental, e ainda tem muitas lacunas que nós precisamos correr para conseguir construir um futuro mais digno, com mais cidadania, mais humanidade e menos precariedade.

E tomar cuidado com o estigma, que é muito grande, sobre toda a nossa comunidade, pois sabemos que os índices de suicídio entre homens com transmasculinidades é muito alto, muito elevado. Mas, nós não podemos deixar que esse tipo de discurso e de narrativa seja naturalizado, como se o fator que leve a, seja apenas a nossa identidade de gênero. E isso não é natural.

O que acontece é que a sociedade, em suas estruturas e na sua cultura, continua por muitas vezes nos colocando para a margem, nos desrespeitando, fazendo chacota. Não encontramos acolhimento nos serviços públicos de atendimento à saúde. Não encontramos representatividade, muitas vezes, dentro dos espaços de poder, dentro do mercado formal de trabalho e também, muitas vezes, não encontramos acolhimento no principal lugar onde nós precisaríamos encontrar, que é nas nossas famílias.

CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
SECRETARIA DE REGISTRO PARLAMENTAR E REVISÃO – SGP.4
NOTAS TAQUIGRÁFICAS SEM REVISÃO

REUNIÃO: 21360 DATA: 19/09/2025 FL: 4 DE 66

Queria saudar a família do Dani Zezza, a Néia e o Mario. Palmas.

E nós sabemos que, agora, com essa grande ascensão da extrema Direita, o discurso antitrans, pautado em muitas mentiras, é o que tem tomado conta, e nós estamos aqui para construir esse grande contraponto através do nosso trabalho, da escuta de todos que vão ter falas aqui.

Além das falas que vão ser feitas na Mesa, temos as inscrições abertas ali. Quem quiser se inscrever para fazer uma fala depois pode falar com o Gustavo, aqui da Comissão. E eu tenho certeza de que, a partir do que nós vamos escutar, nós conseguiremos elaborar, pensar e construir em conjunto, assim como a Erika, lá em Brasília, e o que ela também já fez aqui em São Paulo. Iniciativas que foram, através de uma judicialização, porque na Câmara não conseguimos passar a inclusão de transmasculinidades na política de distribuição de absorventes nas escolas, mas através da justiça nós conseguimos essa vitória. A Erika articulou também, com as Secretarias de São Paulo, o lançamento da primeira Casa de Acolhida para Homens Trans, que é a Casa João Nery, em Santana, e articulou o ambulatório de atendimento para pessoas trans, através da Secretaria de Saúde. E o meu mandato é uma continuidade para essa construção.

Eu tenho a maior humildade mesmo para dizer que admiro muito o trabalho que é desenvolvido pelo Ibrat, por todas as pessoas que constroem o movimento de resistência, seja nas artes, na educação, na educação popular, como o próprio Cursinho Demétrio Campos, do qual eu também pude participar na construção. Tenho certeza de que construiremos, através da escuta e da construção conjunta, usando o meu mandato e o mandato da Erika como ferramentas potentes para a transformação e para a garantia de saúde mental e integral para a comunidade transmasculina. Tenho certeza de que o trabalho vai ser belíssimo. Vamos que vamos, gente. (Palmas)

Agora vou chamar alguém que fala um pouquinho melhor, e aproveitar para passar a presidência para a nossa Deputada Federal e eterna Vereadora, Erika Hilton.

- Assume a presidência a Sra. Erika Hilton.

A SRA. PRESIDENTE (Erika Hilton) – Obrigada, Vereadora Amanda Paschoal.

Boa noite a todas, todos, todes. Boa noite aos nossos convidados, que compõem de maneira muito generosa a nossa Mesa, por estarem conosco fazendo esta discussão extremamente pertinente e necessária, ocupando esta Casa e esta Câmara, que dificilmente é ocupada pelos nossos corpos, histórias, vivências, muitas vezes ocupadas por pessoas que poderiam representar as nossas agendas e os nossos direitos, mas se comportam muito mais como traidores das nossas pautas e das nossas demandas do que como aliados das nossas agendas, não só aqui, mas em muitos outros lugares.

Quero dizer que esse tipo de agenda e de atividade faz com que tenhamos esperança e acreditemos no nosso trabalho e na política que realizamos. Não é fácil ser política. Não é fácil ser uma travesti, negra, vinda do lugar de onde vim e enfrentar as oligarquias do poder na política. Mas, quando a gente está entre os nossos, quando a gente promove as audiências públicas, quando a gente vai lá em Paraisópolis, como eu fui ontem, ver a nossa emenda sendo executada, isso alimenta os nossos corações e nos faz entender por que é que nós precisamos ocupar e estar nesse lugar. Se nós não falarmos por nós, se nós não disputarmos esse espaço, eles passarão sobre as nossas vidas, sobre os nossos corpos, sobre os nossos direitos, sobre a nossa arte, sobre a nossa cultura, sobre a nossa saúde mental, sem o mínimo de piedade e compaixão.

Estar aqui foi um ato de extrema rebeldia, coragem, valentia de cada um de nós, e por isso é tão importante e fundamental que nós estejamos aqui. E, antes de começar, de fato, a minha fala, eu queria ler uma poesia que se chama *Minha Vida, Meu Aplauso*.

“Fiz de minha vida um enorme palco

Sem atores, para a peça em cartaz

Sem ninguém para aplaudir este meu pranto

Que vai pingando e uma poça no palco se faz.

Palco triste é meu mundo desabitado

Solitário me apresenta como astro

CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
SECRETARIA DE REGISTRO PARLAMENTAR E REVISÃO – SGP.4
NOTAS TAQUIGRÁFICAS SEM REVISÃO

REUNIÃO: 21360 DATA: 19/09/2025 FL: 6 DE 66

Astro que chora, ri e se curva à derrota
E derrotado muito mais astro me faço.
Todo mundo reparou no meu olhar triste
Mas todo mundo estava cansado de ver isso
E todo mundo se esqueceu de minha estréia
Pois todo mundo tinha um outro compromisso.
Mas um dia meu palco, escuro, continuou
E muita gente curiosa veio me ver
Viram no palco um corpo já estendido
Eram meus fãs que vieram para me ver morrer.
Esta noite foi a noite em que virei astro
A multidão estava lá, atenta como eu queria.
Suspirei eterna e vitoriosamente
Pois ali o personagem nascia
E eu, ator do mundo, como minha solidão...
Morria!”

Esse texto é de Anderson Herzer, inclusive, agradeço ao Deputado Eduardo Suplicy por tê-lo acolhido naquele momento, há muitos anos. Uma pessoa trans, que foi suicidada nesta cidade e escreveu um livro chamado *A Queda para o Alto*. Foi uma das primeiras literaturas de transmasculinidade que eu tive o prazer de ler. É de uma sensibilidade, uma história muito dolorosa, sofrida, difícil, com muitos desafios desde a infância: a perda da mãe, os abusos do pai, as casas pelas quais passou, as carceragens pelas quais passou. Um menino realmente que teve a sua saúde mental, emocional, a sua dignidade e a sua cidadania violadas. De Anderson Herzer para cá, nós temos construído algumas histórias um pouco diferentes das histórias de Anderson Herzer. Nós temos mostrado que é possível sim que pessoas transmasculinas, nessa noite a qual nós falamos, da saúde mental de pessoas transmasculinas,

CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
SECRETARIA DE REGISTRO PARLAMENTAR E REVISÃO – SGP.4
NOTAS TAQUIGRÁFICAS SEM REVISÃO

REUNIÃO: 21360 DATA: 19/09/2025 FL: 7 DE 66

possam existir na sociedade com outro lugar, a partir de um outro determinador, que não seja o determinador da violência, do estigma, do preconceito, dos abusos cometidos sobre determinados tipos de corpos.

Porque quando nós falamos sobre transsexualidade, sobre transmasculinidade, nós falamos sobre toda uma pirâmide de poder elencada na sociedade que determina quais corpos valem, quais corpos não valem, e, ao falarmos sobre corpos na nossa sociedade, nós esbarramos em um dos pilares mais perversos e nojentos, que são os pilares da masculinidade pautada através do falocentrismo. O falo como objeto de masculinidade, como símbolo de pertencimento, e todos os corpos abaixo deles, submissos ou submetidos às suas violências, ou aqueles que, porventura, o portam, mas não se comportam como determinados padrões exigem e merecem estar colocados no andar de baixo.

Falar sobre a saúde de pessoas trans e transmasculinas, em especial a saúde mental de pessoas transmasculinas, é olharmos, inclusive, para aquilo que a política tem produzido para ajudar com que essa saúde mental esteja cada vez mais no colapso, esteja cada vez mais no fim. Porque nós percebemos na história de Anderson Herzer, mas também na história de outras figuras transmasculinas, em outros episódios, o alto índice de suicídio em que esses meninos estão submetidos, em como é comum se falar em suicídio quando se fala no debate de transmasculinidades.

Nós precisamos, de uma vez por todas, ocupar os debates sobre saúde emocional e saúde mental para dizer que a nossa população, sim, “a nossa”, porque não existe luta separada. O movimento de travestis e mulheres transexuais precisa estar ao lado e com o movimento de transmasculinidade de pessoas não binárias. Não existe luta por direito, por dignidade, por construção da cidadania, por enfrentamento à transfobia, se nós imaginarmos que é preciso criar uma dicotomia, que os nossos irmãos transmasculinos precisem brigar e lutar à sombra, disputando espaços. Os espaços precisam ser coletivos, conjuntos, horizontais, para que todas as vivências, dores, experiências, mas também delícias, porque nós não falamos apenas sobre dores, nós não falamos apenas sobre miséria, nós não falamos apenas sobre perda, nós não

CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
SECRETARIA DE REGISTRO PARLAMENTAR E REVISÃO – SGP.4
NOTAS TAQUIGRÁFICAS SEM REVISÃO

REUNIÃO: 21360 DATA: 19/09/2025 FL: 8 DE 66

falamos apenas sobre adoecimento. E talvez seja esse o elemento mais desesperador aos olhos da cisgeneridade, porque olham para nós e pensam, não tem nada para existir, e mesmo assim fazem um rebuceteio que ninguém é capaz de parar, porque estão à beira do colapso, da morte, a vala; nós aqui, a vala ali.

Estamos resistindo, estamos dizendo: “nosso corpo não será jogado na vala”, porque nós queremos viver, e não só sobreviver, viver com plenitude de direitos, com plenitude de acessos, viver com dignidade, trabalho, dinheiro, comida na mesa, amor, afeto, com tudo aquilo que compõe a humanidade. As pessoas humanas não apenas sobrevivem, elas vivem com dignidade.

E uma das coisas que mais afetam a nossa saúde mental - o protagonismo hoje é dos meninos, mas falo da nossa saúde mental de um modo geral, enquanto população transvestigênera, que é esse globo de todo mundo - é exatamente o fato de terem roubado de nós o reconhecimento à humanidade; de terem arrancado de nós que as nossas dores também importam, que a nossa fome também importa, que o nosso medo também importa, que a falta de afeto também importa, porque isso são características elementares de pessoas humanas.

Não somos humanos, fomos coisificados. Fomos colocados - inclusive pela própria semântica da palavra – para o lado de lá, do outro lado. Somos aqueles que transbordam, aquele dos quais é dito: “Não são universais, não são naturais, não fazem parte do Olimpo divino do cristianismo; são aberrações demoníacas que não merecem nada, somente as tristes manchetes, os relatos difíceis e a dureza da vida”.

Hoje chegamos a esta Casa provando que se não nos derem nada, não tem nenhum problema, nós vamos lá e buscamos com as nossas próprias mãos. Se nos negarem os acessos, nos fecharem as portas, nós vamos lá, metemos os pés na porta, abrimos e ocupamos também um lugar que é nosso por direito.

Que nesta noite, ao ouvir os nossos convidados, aos quais mais uma vez reitero os nossos agradecimentos - porque não é fácil estar aqui, encher este auditório, fazer política, trazer as pessoas para cá para pensarem sobre a importância de fazer um debate político -, que

possamos, a partir dessa escuta, nos encher de alegria, nos encher do esperar que nos ensina Paulo Freire e lembrar que nós estamos construindo uma revolução que tem assustado muito e deixado a cisgeneridade de cabelo em pé.

Eles elegeram novamente um homem de cor laranja para tentar frear, barrar as políticas de acesso à população trans. O Brasil e o mundo estão de ponta cabeça. Por isso, precisamos debater uma série de questões, embora eles só queiram debater pessoas trans em relação a direito a banheiro unissexo, política de não sei o quê, loucuras que muitas vezes são nossas, embora muitas das quais não sabemos do que se trata, mas que nos são atribuídas. Atribuem a nós certos debates, e penso: “Eu, na minha militância de anos, nunca debati isso com nenhuma travesti, nunca debati com nenhum homem trans, nunca debati isso com ninguém”. Mas, de repente é uma pauta nova que está aí para olharmos, pois talvez tenha algum valor. Se tiver valor, abraçamos. Se não tiver valor, descartamos.

Sobre esse movimento de transformar a agenda dos direitos das pessoas trans em uma agenda central, hoje olhamos para a política, e não é mais sobre quem tem ou quem não tem projeto, qual é ou qual não é o projeto, mas sobre quem compartilha do mesmo ódio que eu. É sobre quem acha que nós, “pessoas normais”, temos um lugar especial, diferente daquelas que são anormais. E anormais não seriam somente nós, pessoas transvestigêneres, mas o indígena, o negro, a pessoa com deficiência, o corpo gordo; todo e qualquer corpo que eles não entendam como sendo parte de uma casta, de uma elite decadente, horrorosa, frustrada, cafona, sem nenhum tipo de perspectiva.

Já deu errado, e nós somos o novo. Nós somos a capacidade de refundar, porque nós sempre fomos fundamento, desde que o mundo é mundo. Enfrentamos a escravidão, enfrentamos a fome, enfrentamos o suicídio, enfrentamos a ausência de política pública, enfrentamos as epidemias de HIV AIDS neste país e no mundo e estamos de pé, produzindo um antídoto do qual não só nós beneficiaremos, mas a sociedade como um todo. Porque quando homens trans e transmasculinidades forem emancipadas, quando nós mulheres trans e travestis formos emancipadas, toda a sociedade conosco também será.

CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
SECRETARIA DE REGISTRO PARLAMENTAR E REVISÃO – SGP.4
NOTAS TAQUIGRÁFICAS SEM REVISÃO

REUNIÃO: 21360 DATA: 19/09/2025 FL: 10 DE 66

fls 11

A luta que estamos travando não é apenas para os nossos irmãos e para as nossas irmãs. Estamos vendo a sociedade ruir em colapso, e é preciso que as nossas vozes emergjam. Porque nossas vozes vieram dos guetos, das esquinas de prostituição, das favelas e das periferias do Brasil. E somos nós, com nossas dores, com nossos medos, com nossas angústias, com nossas frustrações, com nossas inseguranças, com nossas disforias, com nossas faltas de afeto, com nossas inconformidades - é isso, querida, para tirar toda a quizumba -, que temos a capacidade de produzir um antídoto necessário.

Então, que nesta noite possamos nos realimentar um dos outros. Que ao falarmos, possamos nos curar. Que ao nos curarmos, possamos nos fortalecer para que histórias como as de Demétrio Campos, Anderson Herzer, Paulo Vaz e tantos outros que poderíamos citar não mais se repitam. Para que possamos contar outras histórias e para que a vida - que para nós é algo tão caro porque pode ser arrancada em qualquer esquina ou num quarto solitário e doentio - possa valer a pena. Para que possamos lembrar que a vida presta, e presta porque todos os dias nós nos levantamos e dizemos: "Vamos fazê-la prestar".

Queiram ou não queiram, vocês vão ter que nos engolir, porque nós chegamos aqui sem pedir licença a ninguém e não vamos recuar. Podem eleger homens laranja, podem eleger deputados de quinta categoria, podem eleger vereadores de meia-pataca para falar sobre a agenda de gênero, para falar sobre a comunidade LGBTQIA+; porque, amor, nós enfrentamos os porões da ditadura, que nos perseguiram à luz do dia e nos matavam, e mesmo assim não paralisamos o movimento histórico ancestral, transestral que nos traz a esta Casa hoje. E que esta noite seja brindada de força, alegria e muito, mas muito axé.

Obrigada, vamos nessa e iniciar a nossa audiência. (Palmas)

MESTRE DE CERIMÔNIAS – Para nos presentear com uma apresentação artística, convido a House of Cabal. Muito barulho!

- Apresentação artística.

O SR. PRINCE EREMITA CABAL – Foi uma honra apresentar essa energia para vocês. Eu sou Prince Eremita Cabal, uma bicha preta. É muita honra estar hoje nesta Casa

representando meus irmãos. Peço licença para chegar hoje na noite dos transmasculinos. Então, muito barulho para os transmasculinos desta Casa, e muito obrigado. Passo para o Mestre de Cerimônias. De MC para MC. (Palmas)

A SRA. PRESIDENTE (Erika Hilton) – Gente do céu. Passada. Chocada. House of Hilton sempre abre os seus eventos com “Ball” porque House of Cabal é uma *house* muito parceira nossa, tem feito todos os nossos eventos desde sempre. Só não estiveram no lançamento da candidatura; mas, de lá para frente, esteve presente em todas as nossas audiências e atividades. A House of Cabal fez o nosso *jingle*, fez o nosso *jingle* do clipe da Amanda, etc. Então, a gente sempre tenta resgatar essa cultura das “Balls”, e House of Hilton vem desse lugar.

Nós pensávamos em como nós nos chamaríamos: gabinete? Gabinetão? Sei lá, achávamos esses nomes muito nada a ver. Aí, pensamos: por que não House of Hilton? Porque tem um pouco a ver com esta Casa. E, agora, “*house*”, neste momento tão difícil, em que não posso entrar nos Estados Unidos, quando fui tão desrespeitada, acho que soa até como um ato político.

Como o Eremita nos lembrou, esta é a noite dos meninos, das transmasculinidades. Então, passo a palavra para o nosso primeiro convidado, que terá de cinco a sete minutos para sua fala. (Pausa) A Kelseny, nossa menina do tempo, vai levantar alguns cartazes. Ela vai levantar o cartaz de “1 minuto”. Então, não façam o “maluco”. Depois, ela levantará o cartaz de “conclua”. Aí, se não concluir, vou desligar o microfone daqui mesmo, porque esta Mesa faz tudo. Mentira, esta Mesa não faz tudo. Se fosse a Mesa da Presidência, faria; mas não esta. Mas é importante nos atentarmos ao tempo, porque temos muitos convidados para falar. Temos algumas inscrições feitas pela *internet*, outras feitas *in loco*.

Passo a palavra para o Arthur Bento, multiartista. (Pausa) O Bento trouxe a caravana. O Fandom está *on*. (Palmas) Eu tenho comigo uma biografia, mas vou deixar vocês se apresentarem. Arthur Bento, querido, é com você.

O SR. ARTHUR BENTO – Muito obrigado. Boa noite a todes. Primeiramente, quero

CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
SECRETARIA DE REGISTRO PARLAMENTAR E REVISÃO – SGP.4
NOTAS TAQUIGRÁFICAS SEM REVISÃO

fls 13

REUNIÃO: 21360 DATA: 19/09/2025 FL: 12 DE 66

agradecer o convite, estou muito honrado de estar aqui. Só o fato de estar vivo e estar presente neste espaço já é algo verdadeiramente político. Sou o Bento, nascido e criado em Salvador, tenho 26 anos, sou modelo, sou ator, sou multiartista e meu último trabalho foi o curta-metragem *Sonho de Diadema* que está em cartaz, estava em exibição no Festival Internacional, no Kinoforum.

E falar sobre saúde mental envolve muita coisa, deixei algumas coisas escritas aqui para não me perder.

Quando falo sobre saúde mental, não penso de forma isolada. Não adoecemos sozinhos, adoecemos, porque vivemos sob um sistema que insiste em nos negar, em invisibilizar e violentar.

No meu caso, por exemplo, quando cheguei em São Paulo, eu fazia uso de hormônio por conta própria, e minha intenção era fazer o acompanhamento médico pelo SUS. Só que quando fui atrás buscar os postos mais próximos da minha casa, encontrei um verdadeiro jogo de pingue-pongue. Cada serviço me jogava para outro.

Isso não é só burocracia. Isso gera desânimo, desgaste emocional, faz a gente se sentir invisível dentro de um sistema que deveria nos acolher. E não é só sobre mim, o SUS é uma conquista popular, pois quando falamos de pessoas trans, especialmente homens trans, trans masculinos e pessoas não binárias, o acesso é atravessado pela transfobia, pelo racismo, pela desigualdade territorial e pela supremacia *cisgênera* que ainda organiza a saúde.

E, quando falo de saúde mental, também quero falar de resistência, porque se o Estado, muitas vezes falha, construímos cuidado em rede, nos coletivos, nas amizades. Resistir não é só sobreviver, é criar, é amar, é sonhar com futuros possíveis.

E quando eu falo de resistência, sempre procuro estar em espaços que faz bem para minha saúde mental. Tenho um laço muito forte com esporte e todas as vezes que me sinto um pouco mal, disfórico, tento ficar nesse lugar de exclusão, buscar esses espaços que me sinto acolhido, pertencente.

Estou sendo muito breve, porque foram os cinco minutos mais... tentei resumir minha fala, então já vou finalizar.

Quero dizer que o nosso adoecimento não é destino, é resultado de uma sociedade que insiste em nos excluir. O que pedimos aqui não é favor, é direito de existir com dignidade, de ter acesso mental garantida, de ter acesso real ao SUS, sem ser tratado como um problema a ser empurrado para os próximos serviços. Que este debate de hoje não pare nesta Mesa, mas que se transforme em políticas concretas que nos reconheçam e nos protejam. (Palmas)

- Assume a presidência a Sra. Amanda Paschoal.

A SRA. PRESIDENTE (Amanda Paschoal) – Bento, muito obrigada pelo seu relato.

E acho que a gente está aqui para pensar em conjunto, como a Erika bem falou, conseguiu abrir os trabalhos.

Acho que a nossa resistência em coletividade, em afetividade, também é um contraponto a todo esse ódio que se articula contra nós, e ocuparmos as ruas e, também, o Parlamento e todos os espaços de poder, através da nossa ramificação, das coletividades, sejam os coletivos de arte, enfim, coletivo de todas as esferas, é a partir daí que a gente consegue elaborar e trocar para entender mesmo com uma ferramenta funciona.

Fui uma pessoa formada pela Erika, trabalhei com ela quando ela era Vereadora aqui, e também não entendia sobre como a gente podia usar as esferas e essa própria audiência pública é uma maneira da gente construir e pensar em como elaborar, cobrar tanto do Poder Público, além de propor soluções para as tantas lacunas que temos, para a construção da nossa saúde mental.

Agradeço seu relato.

Retomo a presidência por uma questão burocrática. Erika, ajude-me a conduzir, abrilhantando “babadeiramente”, mas a agora já vou chamar....

A SRA. ERIKA HILTON – Protocolos foram feitos para serem quebrados.

A SRA. PRESIDENTE (Amanda Paschoal) – Exatamente.

Mas, agora vou chamar o próximo componente da Mesa. Acho que vou ler, vou ler para mudar o *script*.

O Luca Scarpelli é publicitário, apresentador e criador de conteúdo, homem trans e é reconhecido por falar sobre saúde mental e diversidade vida adulta de uma forma leve e acessível, criando conexões genuínas com o seu público.

O SR. LUCA SCARPELLI – Oi, pessoal... e noivo, tá querida?

Primeiro de tudo, eu queria muito agradecer o convite, de verdade. Acho que é muito importante a gente acessar todos os espaços que a gente puder, e os que a gente não puder, a gente ir com o pé na porta, porque espaços como esse foram negados por muito tempo para pessoas como nós.

E eu queria trazer aqui uma história que poucas pessoas sabem, porque não falo disso abertamente. Venho da publicidade, então, antes de ser criador de conteúdo, sou publicitário, trabalhei muito tempo no mercado e uma das campanhas que mais me orgulhei de fazer parte foi lá em 2018, se eu não me engano, uma campanha sobre a visibilidade trans que fiz junto com o Google como publicitário.

Fui um dos pensadores dessa campanha e a gente vivia outros tempos, eram outros tempos em vários sentidos, eram outros tempos em que a gente via a iniciativa privada muito “querendo parecer envolvida”. Muito dinheiro, muita atenção, muita coisa acontecendo, estava florescendo. Era frutífero falar sobre diversidade, sobre inclusão naquele tempo.

E essa campanha me tocou muito, porque participaram do filme quatro pessoas trans e... Desculpa se eu chorar, pois duas delas não estão mais aqui com a gente.

Conheci o Demétrio e o Popô nessa campanha. Eles foram os atores, não, os personagens, as pessoas, as potências que fizeram parte dessa campanha e me doeu. Não sei, acho que doeu a todes que estão aqui, mas em mim doeu de um jeito muito profundo. Sinto que uma parte idealista do Luca morreu e vem morrendo aos poucos, de ver que a gente dá cinco passos para frente, às vezes seis para trás, e aí a gente se empurra para frente um pouquinho mais, e empurram a gente um pouquinho para trás. É esse movimento que está acontecendo...

Acho que é muito importante nesses momentos, porque muitas vezes eu me vi muito desesperançoso, de olhar em volta e falar: “Meu Deus, é uma força muito forte contra os nossos avanços”.

É o mercado, são os grandes oligarcas da política, são muitas forças que não querem que o nosso discurso avance, que os nossos direitos avancem. É por isso que é muito importante a gente ocupar esse espaço, a gente valorizar e apoiar, a gente se envolver politicamente, ter essas potências que temos na política atual.

Acho que eu fico muito feliz de estar vivo ao mesmo tempo que vocês, e trazer um pouco dessa visão do quanto vocês também representam um farol de que nem tudo está perdido. A gente consegue.

Então, eu queria trazer um pouco essa perspectiva de que, sim, a gente está passando por retrocesso. Ano que vem vai ser um ano *punk* e as empresas... acabou a demagogia, acabou o discursinho de: “Ai, gente, não, a diversidade é superimportante.” A partir do momento em que perdeu o apoio político nas principais potências econômicas do mundo, principalmente os Estados Unidos, porque lá estão as grandes empresas, a sede dessas empresas, aquilo perdeu força, perdeu sentido, perdeu verba, perdeu apoio, caiu no esquecimento, e isso está batendo de várias maneiras, e o cenário meio que vai continuar nessa batida.

Então, a gente é pela gente. A gente tem que se unir cada vez mais, tem que se articular cada vez mais. Às vezes, sei lá, alguém disse algo que até não concordo muito, mas será que não concordamos mais do que discordamos? Será que não podemos nos ajudar, pelo menos, nessa parte e discordar em outras?

Nesse sentido, queria muito clamar por esse tipo de articulação, principalmente quando falamos sobre transmasculinidades, porque quando a gente busca dados de saúde mental e cruza esses dois panoramas: o panorama pessoas trans e o panorama masculinidade, é catastrófico.

Sei disso porque acabei de fazer um roteiro que mostra que a chance de uma pessoa

com vivência masculina se suicidar chega a quase quatro vezes mais do que uma pessoa com vivência feminina. E isso sem o recorte trans, ou seja, foi um recorte geral. E quando olhamos para esses dados já entendemos que é muito alarmante, não é? E fica ainda pior ao olharmos nossa comunidade. Sabem por quê? Porque nós nos isolamos. Porque, às vezes, não buscamos esse companheirismo, esse abrir-se, conseguindo desabafar com um amigo. E tudo isso toca numa construção tóxica e normativa de masculinidade, na qual homem não chora, homem não fala sobre sentimento, tudo isso que conhecemos.

E o que venho pedir é justamente para que nos abracemos mais em todos os sentidos. E que estejamos mais próximos para ouvir, ter uma escuta mais aberta para saber como está se sentindo quem está à nossa volta. Afinal, parece que todo mundo está meio que apanhando mesmo. E se não estivermos para nos ouvir uns aos outros, quem vai estar?

É isso, gente, obrigado. (Palmas)

- Manifestação do público.

- Assume a presidência a Sra. Erika Hilton.

A SRA. PRESIDENTE (Erika Hilton) – Luca, obrigada pela sua contribuição.

O SR. ASTRO RAFAEL DE ALMEIDA – Mas é uma denúncia, porque um trans masculino, preto, de periferia foi barrado para entrar, porque estava com acessórios de dichavador, seda, o famoso uso, porém o quanto isso é estigmatizado. E agora ele está em São Paulo sozinho basicamente, porque toda a rede dele está aqui dentro ouvindo vocês falarem.

E isso é um tanto quanto violento, porque se não se pode adentrar na própria audiência de transmasculinidade para falar justamente dessas corporalidades, onde mais poderíamos estar acessando esses problemas, e onde mais poderíamos debater sobre os nossos corpos? Porque é isso, não é mesmo: ele não pode entrar, hoje, assim como ele não pode entrar em vários lugares, aliás, sempre.

No fim, ele mandou uma mensagem assim: “Amigo, estou voltando, de novo porque fui barrado por causa de um dichavador?. Ou seja, isso é muito, sei lá, quero fazer uma reivindicação de denúncia mesmo, para, exatamente, olhar para isso também.

Infelizmente, estou muito em dúvida se continuo ouvindo ou se vou atrás dele, saber onde está, pois ele saiu muito p*t* por causa disso, brigou com a segurança lá embaixo, enfim, então, acho que é um pouco de trazer esse parecer também para todos em geral ficarem sabendo o que está pegando ali na recepção ou o que pegou, naquele momento.

A SRA. PRESIDENTE (Erika Hilton) – Maravilha. Eu te aconselho a ir atrás do seu amigo, se ele está sozinho e toda a rede de contato dele está aqui dentro, te aconselho a ampará-lo. Obviamente, nós sabemos que, atualmente, no Brasil, a política sobre as drogas está muito ultrapassada, ruim e criminalizadora, em especial de corpos negros, periféricos, pobres etc., mas não podemos também infringir a um sistema de justiça e a um código determinado de uma Casa Legislativa.

Podemos tecer a nossa opinião, claro, podemos ter o nosso posicionamento e, inclusive, defender como defendemos de cabeça erguida, a legalização da maconha para que ela seja descriminalizada no nosso país, não só para uso recreativo, mas também para o atendimento médico das pessoas. Entretanto, o código existe e precisamos batalhar e lutar contra ele de uma maneira a entender que em determinados espaços e lugares, algumas coisas vão ser vistas com preconceito, com estigma, com violência.

Se o seu amigo não sofreu nenhuma violência lá embaixo, se ele só foi orientado a não entrar com esses pertences na Câmara, não há nada que possamos fazer, porque se trata de uma determinação judicial. Isso faz parte do Código Penal Brasileiro, ou seja, não é uma questão da Deputada Erika Hilton, nem da Vereadora Amanda Paschoal.

Agora, se houver algum tipo de abuso, violação dos direitos, preconceito, destrato, discriminação, aí, sim, podemos intervir. E se ele quiser voltar não portando isso durante a revista, podemos, inclusive, descer e buscá-lo e inseri-lo nessa audiência, junto conosco. O que não podemos é nos colocar acima do que diz a própria legislação do nosso país. A lei é uma só e ela é clara, portanto, precisa ser respeitada, independente das condições.

Óbvio que o debate sobre quais pessoas, em quais lugares, em quais momentos é sempre muito pertinente e sempre o fazemos, na Câmara de São Paulo, enquanto estive aqui e,

em Brasília, temos feito estando lá. Até porque os verdadeiros bandidos não são aqueles que andam com dichavadores na bolsa, são aqueles que aprovaram essa semana uma PEC da Blindagem para se esconderem dos seus crimes. (Palmas) Antes o problema do Brasil fosse um dichavador e uma seda. Às vezes era só para fumar kumbayá, não era nem o que as pessoas estão pensando. Não é só para maconha que se usa dichavador.

Mas, obrigada por fazer o registro. Acho que o registro é importante. A resolução não é dada só porque não tem o que fazer, o importante é colocar a denúncia para que olhemos para o quanto nós ainda temos desafios do ponto de vista da descriminalização das drogas, de um olhar mais empático; afinal, qual é o risco à segurança de um espaço que um dichavador e uma seda oferecem? É um pertence pessoal de alguém e, portanto, a pessoa tem o direito de andar com o seu pertence pessoal.

Inclusive, Amanda, acho que vale consultar a GCM da Casa, o Inspetor Viana, para saber quais são os artigos do Regimento que impedem uma pessoa de entrar portando esses tipos de pertences. Porque enquanto estive Vereador, não me lembro de nenhuma parte do Regimento que abordava isso. Acho que vale acionar o Inspetor Viana.

- Manifestação fora do microfone.

A SRA. PRESIDENTE (Erika Hilton) – Ah, você também estava com um dichavador, mas era uma pessoa branca e está aqui dentro. Então tem de acionar mesmo. Tem que acionar totalmente. Tem de acionar e, agora, vamos tirar você. (Risos)

- Manifestação na plateia.

MESTRE DE CERIMÔNIAS - Bom, pessoal, só para lembrar que se alguém quiser acrescentar alguma fala muito importante, pode se dirigir à Mesa, ali, à esquerda. Basta fazer sua inscrição.

E, nesse momento, vamos assistir ao vídeo de Ivone Campos, mãe de Demétrio Campos.

A SRA. IVONE CAMPOS – (Por vídeo) - Meu nome é Ivone Campos. Sou mãe de Demétrio Campos. Meu filho era um homem transmasculino, um homem trans. Ele cometeu

CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
SECRETARIA DE REGISTRO PARLAMENTAR E REVISÃO – SGP.4
NOTAS TAQUIGRÁFICAS SEM REVISÃO

fls 20

REUNIÃO: 21360 DATA: 19/09/2025 FL: 19 DE 66

suicídio no dia 17/05/2020, dia de Luta contra LGBTfobia. A gente está em setembro, o mês de prevenção a depressão e suicídio.

E eu estou fazendo esse vídeo aqui para que todos os senhores, senhoras, venham ver a necessidade de novas políticas públicas para pessoas trans, travestis, pessoas LGBTQs, para que não venha mais a acontecer isso, para isso que não venha mais acontecer, porque o nosso índice de pessoas que se suicidaram e cometeram suicídio no Brasil é enorme. Enorme. Então estou fazendo esse vídeo aqui para que vocês venham ter a consciência de criar novas políticas públicas para essas pessoas. Muito obrigada.

A SRA. AMANDA PASCHOAL - Nós já vamos passar para o segundo vídeo, é isso, Erika? Não?

- Manifestação fora do microfone.

A SRA. PRESIDENTE (Erika Hilton) - Deixa eu só dar um informe que me foi trazido aqui. O rapaz conseguiu entrar. Ele entrou, está aqui dentro, está ali, olha lá.

- Manifestação fora do microfone.

A SRA. PRESIDENTE (Erika Hilton) - Bem-vindo a esta audiência que é sua, que é de todos nós, e cuidado com os seus pertences. Mas, muitas vezes, o buraco é muito mais embaixo do que apenas o que a gente porta; é quem a gente é – essa é a questão. E contra esses desafios nós temos uma estrutura inteira.

Eu queria só comentar e voltar na fala do Luca, para dizer que você disse que esse Luca mais otimista havia morrido um pouco, mas não deixe isso acontecer. Acho que uma das coisas que eles mais querem de nós é que percamos a esperança, que percamos o otimismo, que acreditemos que não vai dar em nada. É um momento, é temporário, é passageiro. Quando a onda sobe, nós vamos junto; quando a onda desce, somos os primeiros a cair.

De fato, quando a gente pensa na publicidade, nas empresas, nas marcas, no dinheiro, em alguma medida, a temporada do colocar dinheiro na agenda LGBTQIA+ passou, porque agora há uma agenda que não é sobre LGBTQs. É uma agenda liberal, uma agenda para outros setores. Mas há coisas que tenho certeza de que você e os meninos que estão aqui e

outras pessoas construíram que onda nenhuma pode destruir. E cada vez mais nós vamos construindo e nos alçando a lugares que ficam mais difíceis de serem destruídos.

Então, que mesmo diante dos desafios, das dificuldades, das violências, dos abusos, dos desrespeitos dos governos fascistas, possamos continuar tendo esperança naquilo que fazemos. E aí, quando você dizia que a crista da onda mudou, eu me lembrava do quanto é importante que nós ocupemos os espaços com esperança e otimismo, porque quando nós ocupamos, a temporada não muda. Quando fui Vereadora na Câmara, nós não tínhamos um debate. Eu fui a primeira Vereadora trans eleita na Câmara Municipal de São Paulo; sou a primeira Deputada trans e negra eleita no Congresso Nacional.

Então, isso já depõe o quanto somos atrasados no que diz respeito à luta de pessoas trans. E nós estávamos num momento pós-pandemia, a distribuição de absorventes nas escolas, porque há uma pobreza menstrual muito grande. E começou-se a debater. O Prefeito Ricardo Nunes mandou um projeto para a Câmara para debater a pobreza menstrual nas escolas. Eu achei muito louvável, o projeto era muito bom.

Fui ler o projeto e o projeto simplesmente dizia “meninas”, “alunas”, “as docentes”. E eu falei: “Meu Deus do céu!” Calma, eu venho de uma realidade em que não só as meninas, as alunas, as docentes precisam de política de absorvente. Inclusive, muitas vezes, na minha vivência, as meninas não estão precisando dessa política – as minhas meninas estão dispensando essa política –, mas há alguns meninos que precisam dessa política.

E fui conversar com os Vereadores para dizer: “Olha, existe uma realidade de pessoas, para além dessas que vocês enxergam, que também precisam ser atendidas pela política de distribuição de absorventes”. E falei: “Não quero mudar nada. Está ótimo da maneira como ele está. Eu só quero que vocês mudem algumas frases na redação. Eu quero que vocês escrevam “os alunos”, “os docentes” ou então “pessoas que precisam de absorvente”, “pessoas que menstruam”.

Parecia que eu tinha falado assim: “Arranquem a cabeça, deixem ela sangrando no meio da quadra.” Fui indagada: “Quem são as pessoas que precisam?”. “Várias. Inclusive, temos

CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
SECRETARIA DE REGISTRO PARLAMENTAR E REVISÃO – SGP.4
NOTAS TAQUIGRÁFICAS SEM REVISÃO

REUNIÃO: 21360 DATA: 19/09/2025 FL: 21 DE 66

um Vereador no plenário que, muito provavelmente, se não fez algumas cirurgias, pode precisar.”

E isso não foi vencido na Câmara de Vereadores na minha Legislatura. Nós perdemos. Apresentei uma emenda ao texto, que é uma coisa para mudar uma questão, apresentei uma emenda ao texto e a emenda foi destruída no Plenário da Câmara. O projeto foi aprovado sem a minha emenda.

E eu falei: “Não, amor, eu não vou deitar, porque eu não vou deitar jamais.” Eu acionei o Tribunal de Justiça e nós conseguimos – a Amanda citou isso brevemente na fala dela –, através do Tribunal de Justiça, com uma ação movida por mim quando eu era Vereadora, que homens trans fossem incluídos na política de distribuição de absorvente.

Na sequência disso, nós batemos na SMADS, que é a Secretaria de Assistência Social, e dissemos: “Ok, temos algumas poucas e precárias casas para as mulheres trans e travestis. Está na hora de São Paulo ter uma casa para homem trans.” Ao que disseram: “Vereadora – já que na época eu não era Deputada –, não temos recurso.” Eu falei: “Não tem problema, nosso mandato vai pagar todas as despesas da construção da casa. Vamos destinar uma emenda para a SMADS e vamos bancar uma casa, para que homens trans tenham um espaço de acolhida, tenham um espaço de acolhimento na cidade de São Paulo.”

E hoje está aí a casa de acolhimento. E diferente dos políticos tradicionais, nós não ficamos fazendo politicagem da nossa política, porque o mais importante para nós é atender uma demanda. E por que estou contando isso? Porque são políticas que ficam, são coisas que ficam. Nós ocuparmos esses espaços não é uma questão de temporada: “Ai, será que hoje está legal falar de travesti? Vamos falar um pouquinho. Será que hoje está bacana falar de homens trans? Ai, não está mais bacana. Eles que se f*d*m, eles que morram lá no canto deles.”

Não é sobre isso, é sobre constituir um lugar para que nós possamos consolidar políticas públicas e garantir que os nossos tenham um pinga de direito, de dignidade, de cidadania. Então, permaneça acreditando, porque eu fiz isso na política. Eu tenho certeza de que você fez isso na publicidade, que fez isso na literatura, que as pessoas fizeram isso nas suas áreas de atuação, porque quando nós ocupamos o espaço, não é sobre como está a maré, é

CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
SECRETARIA DE REGISTRO PARLAMENTAR E REVISÃO – SGP.4
NOTAS TAQUIGRÁFICAS SEM REVISÃO

REUNIÃO: 21360 DATA: 19/09/2025 FL: 22 DE 66

fls 23

sobre o que para nós é caro, é sobre o que para nós é importante.

E exatamente por isso que tem sido roubado de nós o orçamento, o espaço, porque nós fazemos mudanças e transformações que são necessárias. Eu queria contar isso porque é uma coisa que pouquíssimas pessoas sabem. E foi uma disputa em que nós tivemos um processo muito exaustivo, porque vocês imaginam o que são os Desembargadores julgando o processo de uma travesti falando: “Ela quer o quê? Homem que menstrua?”, e aí você tem que ir lá e dizer: “Olha, querido, sim, o mundo não é só você, alecrim dourado, você é assim, eu sou acolá, as outras pessoas são assim e assado. Pois é, existem homens com outra...”

Um olhar de estranheza, mas a gente fez as nossas defesas. Voltamos e aí um dia a gente estava assistindo isso do gabinete, eu não me lembro o que era, e colocamos no último voto do desembargador dizendo: “Não, a ação faz sentido, é sobre dignidade, é sobre inclusão, se essa maluquinha está dizendo que essas pessoas existem e ela fez um processo tão bem estruturado, usou argumentos tão bem elaborados.”

E nós vencemos a ação judicial, foi a Justiça que nos deu, assim como todas as políticas que nós temos hoje: nenhuma foi conquistada pelos vereadores, pelos deputados federais e senadores; é tudo no âmbito do judiciário. Por que será que estamos vivendo a ditadura da toga, o horror do STF, o monstro da supremacia? Porque, exatamente, o STF, além de colocar golpistas na cadeia, de condenar golpistas, também garantiu com que tivéssemos esse pouquinho de avanço, que tem nos garantido muito pouco, mas foi na porta do Judiciário que nós conquistamos.

Então, que nós possamos pegar os bons exemplos para dizer: “O tempo está muito fechado para nós, está muito difícil ser a gente, mas quando é que foi fácil? Nunca foi. Sigamos firmes, sigamos acreditando, sigamos lutando.” (Palmas)

- Assume a presidência a Sra. Amanda Paschoal.

A SRA. PRESIDENTE (Amanda Paschoal) – Maravilhosa. Quanto mais você laca, mais a água cai, filha – a água da justiça.

Obrigada, Luca. É isso. Faço das palavras da Erika as minhas. É bem fácil, gente. É

delicioso. Mas quero agradecer também à Ivone, uma grande parceira, que viveu uma dor, uma dor que nós sabemos que é imensurável, que é a dor de perder um filho. E agradecer também todos que conheciam o Demétrio e que vivem com essa lacuna, não existe uma lógica, não existe uma temporalidade, um controle, porque a pessoa está com você do seu lado e do nada se foi. Muitas vezes não dialoga, não fala.

E acho que é por isso que o motivo principal de a gente estar aqui hoje, falando sobre as nossas redes de afeto, também de como fazer essa construção de uma saúde mental, não só através da coletividade, dos nossos amigos, dos nossos micro e macro grupos, mas também pensar nisso como uma política pública através de acesso à assistência social, ao atendimento psicológico, ao atendimento de saúde integral, porque a nossa saúde não se baseia única e exclusivamente nas demandas das nossas identidades.

E enfim, agradeço a Ivone e espero mesmo que, através da nossa colaboração, da nossa troca e da nossa busca, da nossa luta por visibilidade, que nós possamos reduzir esse índice, que ainda é tão alto, de suicídio de pessoas transmasculinas.

Agora, quero passar para o Preto Téó, que eu conheço já de muito tempo, da transformação. Preto Téó, se apresente. Obrigada mais uma vez por estar com a gente. (Palmass)

O SR. PRETO TÉO – Boa noite a todos, todas e todes. Obrigado, Vereadora, pelo convite.

Falar do Demétrio é uma coisa que dispara o meu coração até hoje. Nós éramos amigos. Demétrio me ensinou a limpar o frango para fazer um estrogonofe maravilhoso. Demétrio me ensinou a colocar manjerição fresco no feijão. Fica incrível. Quando ele me falou isso, eu falei: “você está tirando com a minha cara”, e fica maravilhoso.

Sempre que eu penso no meu amigo, eu penso em tantas coisas que poderiam ter sido diferentes. Mas a oportunidade de hoje de falar de saúde mental - e sabia que ele seria mencionado - foi uma oportunidade de revisar muitas coisas pelas quais eu passei e muitas oportunidades que eu acessei também.

Convivi com depressão severa por muitos anos, especialmente logo após a minha transição. Eu trabalho desde os 16 anos, comecei a trabalhar numa barraquinha de coco. Vendi churrasco, fiz bastante coisa, tive empregos formais em shopping, restaurante, aí transicionei e não consegui mais nenhum emprego formal. Não passava em nenhuma entrevista. A vulnerabilidade se acentuava cada vez mais, cada vez mais. A depressão se acentuando, se acentuando cada vez mais, cada vez mais. Então, surgiu nas redes sociais ou na rádio peão - não me lembro, sinceramente - a notícia do Cursinho Popular Transformação, que era uma iniciativa de educação popular para pessoas trans e não binárias.

Fui lá ver o que era isso. Não tinha feito faculdade. Falei: “pelo menos uma faculdade”. O cursinho acontecia na ação educativa e as aulas de literatura eram muito interessantes. Eu tinha guardado na memória e nos bolsos, muito escondido, os meus desabafos. Um belo dia, mostrei para minha professora. “Professora, eu tenho um negócio aqui que eu queria que você visse”, e ela valorizou muito o que eu compartilhei com ela, não pelo movimento de valorizar, mas pelo conteúdo da escrita. Ela me disse: “olha, isso aqui é poesia, isso aqui pode ser uma prosa, isso aqui pode ser uma crônica. Isso aqui é bastante coisa. Eu acho que você deveria compartilhar com as pessoas.”

O cursinho fez algumas oficinas de poesia. Eu evadia muito do cursinho, muito, não tinha dinheiro para nada. Eu lembro que, na época, a gente recebia um auxílio de condução, se eu não me engano. Mas essa pouquinha condução que o cursinho me dava, eu já usava para comer alguma coisa, era difícil ir. Os professores sempre me chamavam, me buscavam, me estimulavam a voltar.

Aí eles organizaram a primeira antologia trans. Essa aqui, pessoal, que eu estou segurando agora. A nossa Vereadora tem uma poesia publicada nesta antologia. Ela foi organizada em 2016 e publicada em 2017. É a primeira antologia de completa autoria de pessoas trans e não binárias da América Latina. Aqui, eu tenho três ou quatro poesias encerrando o livro.

Ver isso acontecer comigo foi uma coisa muito louca, porque poesia era o Manuel Bandeira, poesia era Clarice Lispector, poesia era um monte de gente branca que já tinha morrido

CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
SECRETARIA DE REGISTRO PARLAMENTAR E REVISÃO – SGP.4
NOTAS TAQUIGRÁFICAS SEM REVISÃO

REUNIÃO: 21360 DATA: 19/09/2025 FL: 25 DE 66

fls 26

há muito tempo e que escrevia coisas que eu não entendia nada; ou entendia - eu tenho a capacidade de entender -, mas com as quais eu não me identificava.

Imprimiram tudo o que eu escrevi, copiaram, distribuíram e me convidaram para ler. No primeiro Trans Sarau, a gente convidou a Liniker, porque uma pessoa do cursinho tinha uma proximidade com ela e mostraram uma das minhas poesias para a ela. E ela falou: “Vem cá, Téó, por que você não lê no palco? Eu falei: “meu Deus.” A Liniker, naquela época, nem era tão projetada comercialmente como ela é hoje, mas já era uma artista de fundamental importância para a gente. Então, eu tenho esse reconhecimento dela. Acho que foi a prova cabal que eu precisava para entender que era verdade o que estava acontecendo.

Isso foi em 2016. De lá para cá, eu compus a organização do Antigo Slam Marginália. Hoje, é Coletivo Marginália, que foi por muitos anos a primeira batalha de pessoas trans e gênero dissidentes de São Paulo. A gente acontecia na praça, na São Bento. Tem aqui na nossa audiência uma pessoa que atuou comigo na organização. Foi de fundamental importância também conviver com essas pessoas mais velhas do que eu. Leo, muito obrigado por estar aqui. Gosto sempre de saudar os meus mais velhos. Aprendo muito. As travestis me ensinaram isso, o terreiro me ensina isso.

Tive a oportunidade de publicar um livro cartoneiro, tive a oportunidade de fazer os meus vídeos/poesias, tive a oportunidade de fazer muita coisa.

Além do Cursinho Popular Transformação, queria mencionar outra iniciativa, uma política pública, que é o Programa Jovem Monitor Cultural, o qual eu acessei ali perto também nessa mesma época, acho que em 2017. Hoje sou um produtor cultural que já trabalhei com Linn da Quebrada, já trabalhei com Jup do Bairro, já trabalhei com Assucena, já trabalhei com Gabrelú, que está aqui na audiência. Já fiz grandes eventos na Ballroom.

Então, queria relembrar a importância de a gente valorizar essas iniciativas, incentivar os nossos colegas, os nossos amigos, parentes, pessoas trans: “não, amigo, vai lá. Está babado, mas vai lá. Acredita. Manda o seu textinho, o seu desabafo, coloca aqui na minha roda, fala mesmo. Acredita nesse edital. Escreve uma coisa. Eu te ajudo.” Sabe, gente?

CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
SECRETARIA DE REGISTRO PARLAMENTAR E REVISÃO – SGP.4
NOTAS TAQUIGRÁFICAS SEM REVISÃO

REUNIÃO: 21360 DATA: 19/09/2025 FL: 26 DE 66

fls 27

Aí parece que eu não falei nem um pouco de saúde mental, mas tudo isso foi a construção da minha autoestima, tudo isso foi a construção da minha identidade, o meu fortalecimento, o meu axé está estabelecido. Hoje eu falo com orgulho, levanto a minha cabeça e não abaixo mais. Então, obrigado pela oportunidade, pelo espaço, pela escuta.

Acompanhe @slammarginalia no Instagram, porque nós somos, como falei, uma iniciativa transcetrada, então, tem muita gente trans não binária, gênero dissidente fazendo arte, poesia, música, cena e muita coisa.

É isso. Boa noite. (Palmas)

- Assume a presidência a Sra. Erika Hilton.

A SRA. PRESIDENTE (Erika Hilton) – Obrigada, Téo. Você fala, você tem um jeito de poeta falando, você fala com o jeito de alguém das literaturas, da letra. Digo isso com propriedade. Eu nunca fui aluna do curso de letras, mas quando estudava gerontologia, na verdade, há várias coisas que você foi me falando e foi me lembrando. A primeira delas era evadir do cursinho, que eu era a pessoa que mais evadia do cursinho na minha época e depois evadia da graduação também, vivia com os meus elementos perigosos pelo campus da universidade. E, às vezes, não estava muito preparada para ir à aula, se é que vocês me compreendem, se é que vocês me entendem.

Eu estava na universidade em 2016, na época das mobilizações, e namorava um menino trans do curso de letras e uma professora do departamento de letras, a professora Fernanda Castelano, que inclusive hoje é Vereadora na cidade de São Carlos, foi uma das pessoas que mais nos ajudou e esteve com a gente nas greves, nas paralisações. Nós trancamos os ATs na universidade, nós ocupamos reitoria e ali eu convivi com muitos alunos de literatura, muitos alunos de linguística, muitos alunos do curso de letras. As pessoas têm umas características próprias do curso de letras, das letras, das artes das palavras. Quando você me fala, me vem na memória muitas dessas pessoas.

Então, que bom que você tenha se encontrado com as palavras e que bom que você tenha feito a sua fala percorrendo outros caminhos para destacar a saúde mental. Saúde mental

CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
SECRETARIA DE REGISTRO PARLAMENTAR E REVISÃO – SGP.4
NOTAS TAQUIGRÁFICAS SEM REVISÃO

REUNIÃO: 21360 DATA: 19/09/2025 FL: 27 DE 66

fls 28

não é sobre os tratamentos, sobre os remédios, sobre acesso à saúde apenas. Isso é parte do debate sobre saúde mental, mas é também sobre esse lugar de nós termos afeto, nós termos um lugar para voltar. Nós temos amigos, nós temos uma profissão, nós temos algo que a gente faz porque a gente ama, porque a gente gosta, não porque a gente tem medo de morrer de fome, não porque a gente não tem para onde voltar.

Eu acho que a maior lacuna da nossa saúde mental, e eu posso dizer isso com propriedade de um outro lugar, é exatamente pertencer, porque eu fui expulsa de casa aos 14 anos de idade e vivia uma realidade extremamente brutal, de abandono, de marginalidade, de falta de acesso. E o quanto isso tem um impacto? Digo para minha terapeuta, hoje, que eu acho que eu sou muito incrível, porque eu tenho uma saúde mental muito boa diante das coisas que eu vivi e passei. Mas o quanto você pertencer, o quanto você está, o quanto você ter a garantia de que hoje eu tenho para onde voltar; amanhã eu posso levantar, abrir a minha geladeira, eu faço os meus ovos, eu como meu babado, minha fruta, eu tomo meu suco de laranja, eu bebo minha água. Se a chuva bate, eu me abrigo. Se o frio bate, eu me abrigo. Isso garante para nós, eu tenho com quem dormir, com quem acordar, eu tenho quem amar, como ser amada, eu tenho família, eu tenho amigos. Isso faz com que a gente não precise de mais nada, porque o debate das nossas saúdes mentais não é necessariamente as doenças psicoemocionais. É claro que entre a nossa população de travestis, de homens trans, de transmasculinidades, há doenças psicoemocionais que precisam ser tratadas com médicos, psiquiatras, medicamentos. Mas na grande maioria das vezes não são as doenças que nos levam ao suicídio ou adoecimento, é a falta de lugar, é a falta de pertencer, é a falta de olhar referenciais de positividade.

E aí dizendo um pouco sobre o que eu dizia para o Luca, isso que vocês estão fazendo esta noite já aponta para muitos jovens, para muitos meninos, assim como o Léo apontou para você, João Neri, etc. O próprio Anderson Herzer, e tantas outras figuras da militância, que existe um lugar melhor, que existe um lugar possível, que os nossos corpos não só podem como merecem, e que nós estamos construindo isso. Então, continue escrevendo e nos encantando com as palavras, com o seu jeito de poeta, e nos encantando muito.

Dito isso, vamos então passar, acho que há uma coisa fundamental que a gente aprende, que é o respeito a nossa transcestralidade, a nossa ancestralidade. E que bom, Léo, que você está aqui, quando te encontrei lá em cima, falei: “Querido, quanto tempo.” Fazia muito tempo que não nos encontrávamos, a vida e as loucuras da vida vão nos separando dos encontros. Mas é que parece que a gente só é jovem, que só existe travesti novinha, que só existe homem trans novinho. E talvez, no fim do dia, acabe só restando os novos mesmo, porque os nossos mais velhos vão morrendo, vão se perdendo, não têm perspectiva.

E aí nós vamos, não é Lili, mostrando que estamos aqui, sempre estivemos. E mais do que isso, vamos agradecendo aos caminhos que vocês abriram para que pudéssemos passar, porque se não fosse a resistência dos nossos mais velhos, se não fosse a perseverança dos nossos mais velhos, não estaríamos aqui. Essa plateia não estaria aqui. Nada que temos nos foi dado, foi a luta de vocês, a ousadia de vocês, a coragem, a determinação, a desobediência de vocês que abriram caminho. Se estamos aqui, devemos àqueles e àquelas que antes de nós estiveram.

E digo mais, enfrentaram tempos muito mais sombrios, tiveram que se esconder, não puderam andar à luz do dia, foram jogadas nos camburões da polícia e precisaram se cortar para não passar quatro, cinco dias dentro de uma delegacia sendo torturadas, porque essa é a nossa história. Era obrigada a se cortar para sair de lá. Obrigada, por cada lágrima, por cada suor, por cada corte, pela resistência. Nós devemos muito a cada um de vocês. (Palmas) E hoje esse movimento jovem é importante, porque a juventude renova, a juventude traz outros olhares, a juventude é importante e fundamental. Mas que essa juventude nunca se esqueça ou desrespeite a importância que tem os nossos mais velhos.

E com isso, passo a palavra para você.

O SR. LÉO PAULINO BARBOSA – Boa noite a todos, todas e todes. Estou emocionado, porque da última vez que eu me emocionei, foi porque ela tinha me dado uma homenagem, em 2020. Recebi das mãos dela...

A SRA. PRESIDENTE (Erika Hilton) – Foi a última vez que nos vimos.

O SR. LÉO PAULINO BARBOSA – Foi, em 2020. De lá para cá, é óbvio, ela impulsionando nossos direitos. E eu lutando pelos nossos direitos e por direitos de pessoas que ninguém lembra, as travestis encarceradas, os travestis e homens trans população de rua. Eu me dedico muito a quem ninguém vê, e gosto muito disso. E também não fico tirando foto. Então, ninguém vê nas minhas redes foto do lado de um cara que está morrendo de fome e eu levei um prato de comida. Não vai ver. Então, é isso que eu gosto de fazer.

Como vamos falar de saúde mental, então, vou falar da minha. Ninguém me interna, por favor. Vamos lá, aos cinco anos me reconheci em masculinidade. E esse autorreconhecimento em masculinidade, que falo até hoje, não me reconheci como homem, nem como mulher, me reconheci na masculinidade que via em todos aqueles homens que eu via, que frequentava, que tinha acesso.

Então, esse autorreconhecimento em masculinidade me levou a vida toda, não tive fase de me vestir de menina, de desenvolver uma... como é que se diz, uma adolescência feminina. Não, fui tudo no masculino, tudo. Mesmo quando minha mãe me enfiava dentro de uma p*rr* de um vestido, eu era masculino, entende. Eu saía batendo no povo, essas coisas todas. E jogando futebol, tenho uma medalha de futebol de 1982, tinha 12 anos e jogava no time de futebol da vila, ali do bairro, de vestido, porque minha mãe não me deixava jogar de outra forma. Então, está tudo certo.

O problema é, esse não deixar, esse me obrigar, me causava um dano. E ia me causando dano cada vez que o que eu fazia, eu não podia ter feito, e também ninguém me explicava por que não podia ter feito, porque eu não machucava ninguém. Se não tinha ferido ninguém, se não tinha feito mal para ninguém, por que não podia fazer? Ninguém me explicava. E dos sete até os 20 anos, mais ou menos, foi uma época muito difícil para mim, porque a sociedade não gostou da minha masculinidade. Então, eu andava na rua e não sabia de onde ia vir uma voadora, uma p*rr*d* na nuca, um soco no estômago. Não tinha noção de que momento seria agredido, mas tinha certeza de que seria agredido.

Então, fiquei muito tempo andando de bicicleta sem parar, porque se parasse alguém

iria me agredir. Fizeram até um campeonato no bairro de quem batia em mim, nos bairros perto de casa. Era isso que acontecia. Estava andando, de repente vinha alguém, me dava uma voadora, eu caía no chão e pegava um pedaço de pau e batia no cara, era automático. E esse reagir, me defender e não deixar que me matassem, fez com que houvesse até apostas de quem conseguiria bater em mim em algum momento.

Vamos passar para os 16. Aos 16 anos eu li *A Queda para o Alto*, e o engraçado é assim, lia e empurrava o livro. Depois voltava a ler, o que eu fazia, alguém falou de mim, alguém conversou com alguém que está contando parte da minha vida nesse livro. E, para piorar as coisas, eu não entendia o que era biografia. Então, para mim aquilo era uma ficção científica, estavam inventando uma coisa muito parecida com todas as violências que eu já tinha sofrido, muito parecida com todas as violências que sofria dentro de casa.

Falei dos exorcismos? Minha mãe, de vez em quando, quase toda semana, fazia um exorcismo com o pessoal da igreja, na porta do meu quarto. Vocês devem imaginar o quanto doloroso é isso para uma pessoa pré-adolescente. Meu pai me batia, porque se eu respondesse estava respondendo para ele. Então, ele me batia. E se ele perguntasse e eu não respondesse, ele falava, por que você não está me respondendo? E me batia do mesmo jeito. Eu não entendi até há pouco tempo o porquê de tanta violência, que meu pai me agredia tanto. E isso só foi ser real para mim depois que eu tive acesso ao psiquiatra, depois dos meus 45 anos: que ele batia em mim, porque eu não era o que ele esperava que eu fosse. Ao mesmo tempo, eu era o que ele esperava que um filho fosse. É bem complicado isso.

O psiquiatra disse que eu tinha TEPT -Transtorno de Exposição Pós-Traumática, o que não foi nada assustador para mim, uma pessoa que viveu mais de 30 anos sem saber de onde viria a próxima agressão ter um transtorno desse tamanho.

Com 30 anos, eu também tive outra fase, que foi a fase de eu não querer me matar, mas eu queria me matar. Entende? Eu não sei se vocês entendem. Então, eu entrei na droga porque a dor que eu sentia, porque ninguém queria me dar o emprego, ninguém entendia quem eu era, ninguém queria papo comigo.

Na verdade, eu nunca tive muito papo com ninguém, eu sempre vivi a minha vida muito restrita a mim mesmo e fazendo as coisas todas de uma forma que eu não precisasse fazer de novo, para que não houvesse crítica. Ou seja, sempre fazendo o melhor que eu pudesse para não ser criticado ou chamar atenção.

Dos 20 aos 40, eu fiquei nas drogas. Primeiro, na cocaína, depois no *crack*, 10 anos no *crack*; e o *crack* me deu tudo o que eu esperava, que era me tirar desse planeta. Eu me sentia muito bem. Esse é um erro, quando a gente fala de drogas, fala que droga faz mal; mas não faz mal, a droga te dá o que você procura, tanto que você vai usando uma, não gostou dessa, vai na outra, até achar aquela que supre a tua necessidade. E o *crack* fez isso comigo.

Então, quando eu parei com o *crack*, que foi uma decisão minha também, eu estava cansado de não ver nada que eu tivesse construído. Foi esse o meu motivo. Não foi porque minha mãe estava sofrendo, não foi porque a sociedade estava falando, nada disso. Eu não vi nada que eu tivesse construído, e isso me doeu. E, nesse dia, eu resolvi parar. Eu lutei um pouco com a minha cabeça e tomei essa decisão em julho de 2010.

Em janeiro de 2011, parei com álcool; em abril de 2012, parei com cigarro. E, até hoje, não vou parar com chocolate de jeito nenhum. Preciso de um apoio emocional.

Ter TEPT é uma coisa bem complicada, porque você fica explosivo, do nada. Na verdade, não é do nada. É tanta violência que você sofreu que aquilo fica acumulado; e, quando você se sente pressionado por alguém, começa a gritar, ou exigir, ou falar que você não pode, explode. Explodo, e explodo feio.

Então o psiquiatra conseguiu me adestrar, o lobisomem que existe dentro de mim. Tomo três sertralinas por dia e vários analgésicos, porque eu tenho um monte de problema, que também é fruto da violência, não é só da idade.

Hoje, vocês não estão passando pelo que eu passei, não estão. Hoje, eu vejo mãe e pai aceitando pessoas trans, que eram uma coisa impossível. A minha mãe foi me aceitar quando ela já estava com 82 anos, e eu tive que fazer uma estratégia para que isso acontecesse. Hoje, eu vejo pais, mães, tudo com orgulho do filho que tem. E isso é fruto também da luta que eu tive

para que vocês não passassem mais pelo que eu passei, para que vocês não fossem agredidos em todo lugar que vocês fossem, e por todos outros tipos de luta que eu já fiz.

Eu só peço que vocês não lutem por uma coisa que já está vencida, porque a gente não precisa voltar, por exemplo, e dizer homem trans é aquele cara que não tem peito, porque teve uns papos assim esses dias. Só é homem trans é aquele que quer tirar o peito, só é homem trans aquele que quer fazer cirurgia.

As travestis também passaram por isso. Só era travesti aquela que fizesse cirurgia. Não, ninguém é dono do corpo do outro para dizer o que é necessário para que essa pessoa se reconheça como tal. (Palmas)

E hoje, gente, apesar de ninguém ter me dado emprego até hoje, eu continuo lutando. Eu tenho uma ONG em Santo André chamada E Agora, José? que trabalha com homens agressores de mulheres para o fim da violência contra a mulher. Fui eleito presidente dessa ONG.

Eu continuo trabalhando de várias frentes e, graças a essa luta toda, a Casa Neon Cunha também me deu um serviço temporário. Durante os próximos seis meses, eu vou ter o meu primeiro salário, gente. Salário. Eu estou meio feliz. (Palmas)

Eu posso ler umas propostas aqui, gente? Tenho umas propostas para saúde pública: ampliar a rede de atendimento da população trans, para que o atendimento de atenção básica possa ser realizado por UBS de referência, a modelo da Rede Sampa Trans; a criação de um Núcleo Multidisciplinar Municipal, para suporte de saúde mental e psicossocial à população LGBTQIAPN+ e sua família; e a revisão das políticas nacionais de IST e HIV, impulsionando a prevenção combinada com a adequação dos insumos que contemplem a diversidade de práticas sexuais e a identidades de gênero, garantindo abordagens inclusivas, específicas e com maior eficácia para os diversos segmentos LGBTQIAPN+.

É isso. Obrigado. (Palmas)

MESTRE DE CERIMÔNIAS – Muito obrigado, Léo. Vamos assistir agora a um vídeo da maravilhosa Jaqueline de Jesus.

A SRA. JAQUELINE GOMES DE JESUS – (Por vídeo) – Olá, sou Jaqueline Gomes de Jesus, Professora de Psicologia do Instituto Federal do Rio de Janeiro e autora e organizadora do primeiro livro de língua portuguesa sobre transfeminismo: *Transfeminismo: teorias e práticas*, de 2014, que tem na contracapa o texto do João Nery.

O João foi meu amigo, psicólogo, escritor, acompanho o trabalho dele desde o *João Joana*, que foi transformado depois no *Viagem Solitária*.

Depois, eu tive a honra de escrever o prefácio do livro *Vidas Trans*, em que ele participa com seu texto *Vidas Solidárias*. Eu fiz uma biografia, que está disponível na *internet*, sobre o João, falando da obra dele, da sua luta, pensando a partir da minha perspectiva como alguém que não só ouviu falar dele, mas que conviveu com João, conviveu com a sua viúva Sheila Salewski, que leu e sabe do impacto da sua obra, que é fundamental.

Há alguns anos, eu propus ao Conselho Regional de Psicologia do Rio, e foi aceito, que fosse feita uma carteira honorária em memória ao João, porque ele faleceu sem que a Universidade Federal do Rio Janeiro reconhecesse o seu diploma de psicólogo – porque ele teve que mudar os nomes; quem leu a história conhece. É um grande desafio. Ele foi uma figura que mudou a cultura brasileira, não de hoje, desde a época da ditadura.

Eu conversei com Glória Perez, na época da *A Força do Querer*, e perguntei por que ela tocou no tema dos homens trans, ou trans homens, como o João falava, e a Glória me comentou que ela já queria trabalhar com esse tema há muito tempo, desde a novela *De Corpo e Alma*. Ela já tinha lido o *Erro de pessoa: Joana ou João?* E esse tema voltou. Além de ser um tema que é de interesse da população.

João tinha muito interesse em tocar a cultura. Ele faleceu querendo que se terminasse um filme sobre ele. Mas podemos fazer a honra de lhe dar uma carteirinha de psicólogo do Conselho Regional de Psicologia. E espero que agora ele conquiste mais essa referência como memória não apenas dos homens trans, sim, fundamental, mas da sociedade brasileira.

Foi uma transformação com ele, porque ele dizia que nós temos, sim, que ocupar

todos os lugares, considerando a nossa identidade de gênero, o nosso gênero, e não apartar dele.

Beijo, gente. Axé e até.

Viva João W. Nery. (Palmas)

A SRA. PRESIDENTE (Erika Hilton) – Quantas histórias nós temos, não é? E é importante a fala da Jaqueline Gomes, porque ela traz uma coisa muito cara a nós, pessoas trans: após a transição do João Nery, ele perdeu o certificado dele, o CRP dele. Ele não era mais um profissional, ele não poderia mais ser reconhecido como psicólogo. E há tantos outros casos de pessoas que transicionam e perdem as suas qualificações profissionais; depois, morrem e perdem o direito ao nome, são enterradas da maneira que são. Nós precisamos lutar todo minuto. Imagine passar uma vida, fazer uma graduação – que quem fez uma graduação sabe que não é fácil, em especial, sendo corpo dissidente na universidade, que não é um lugar pensado para nós, sempre foi pensada para as elites, e foi entregue às mãos das elites; e, em especial, as universidades públicas, que sempre foram dominadas. E de repente você chegar ao seu lugar de pertencimento, de identidade, e perder a sua formação, perder a profissão. “Por que não?” “Você não pode.”

Nós não temos a capacidade de abrir uma porcaria de um documento e editar, reimprimir a porcaria de um papel, porque é somente um papel. Um certificado é um papel. E, quando a nova turma for fazer a diplomação, vão imprimir centenas de milhares. Isso exemplifica o ódio, a intolerância, o não lugar de pertencimento. É o dizer: “Quer ser trans? Então vá ser trans lá na esquina, pegando latinha, morrendo de fome, porque esse é o lugar de vocês.” “Transpsicólogo? E ainda vamos ter que retificar” E isso num momento em que essa palavra retificação não existia.

Numa tentativa muito simbólica, nós fizemos, para a audiência de hoje, uma cartilha que se chama *Sonhar com futuros ancestrais para não repetir passados de violência*, onde tem uma série de informações sobre acolhimento, leitura, etc. E, no final, nós fizemos um CRP póstumo para João Nery, para que ele nunca tenha a sua identidade roubada, negada, usurpada.

(Palmas) Está aqui.

Podem tentar nos apagar, podem tentar nos aniquilar, podem tentar o que quiserem, porque enquanto houver um de nós de pé, lutando, as nossas memórias permanecerão vivas, os nossos nomes serão levados, as nossas identidades estarão aqui.

Isso é simbólico, não devolve a João Nery o que ele perdeu quando lhe arrancaram, mas faz com que nós continuemos a nos lembrar do que nós precisamos fazer. Faz com que nós continuemos a lutar, para que tenhamos as nossas garantias mais básicas asseguradas.

Esse CRP póstumo é uma homenagem a esse episódio triste e lamentável da história de João Nery, para que histórias como a dele não mais se repitam; para que não vamos à sepultura sem ter aquilo pelo qual uma vida inteira lutamos com muito sangue, suor e desafio para construir. Que nada mais de nós seja roubado. Que nossas garantias estejam asseguradas.

João W. Nery presente. (Palmas)

Por óbvio, nós temos outras informações.

Depois vocês leem a cartilha, que está uma graça. Quem fez foi o nosso *designer* maravilhoso Rafa Canoba, que tem feito as artes mais lindas dessa *house*. E aqui tem informações muito relevantes.

Vamos acelerar, Vereadora, para correremos contra o tempo?

- Assume a presidência a Sra. Amanda Paschoal.

A SRA. PRESIDENTE (Amanda Paschoal) – Vamos lá.

Ainda tem apresentação. Mas agora vamos ouvir o Juca Martins.

O SR. JUCAS MARTINS – Obrigado.

Boa noite. É muito difícil falar agora, depois de todo mundo e de vários sentimentos, mas ainda bem que eu fiz um texto, senão eu não iria conseguir falar mesmo.

Eu quero agradecer a oportunidade, o espaço, e a todas as pessoas que organizaram esse momento para trocarmos sobre esse assunto que é tão caro, urgente e sensível para nós.

Agradeço ao gabinete da Vereadora Amanda Paschoal, ao gabinete da Deputada Erika Hilton.

Esse é um assunto que tem muita coisa para ser dita, discutida, para ouvir também as pessoas, e eu vou tentar ser objetivo, para depois tentarmos trocar mais. Afinal, eu acho que um dos objetivos desta noite é compartilhar e produzir sentido do que é saúde mental para nós.

O próprio fato de estar aqui hoje falando, sendo escutado e ouvindo outras pessoas transmasculinas já é potencialmente produtor de saúde para mim.

O meu nome é Juca. Eu sou trabalhador do campo da saúde e usuário das políticas públicas de saúde; graduado em Psicologia, atuando hoje em Psicologia Clínica e Social.

No momento, eu estou como coordenador da pasta de pesquisa do Ibrat-SP. E estar no Ibrat-SP e ser trabalhador da saúde me colocam diretamente implicado nas políticas públicas, porque o que nós fazemos no cotidiano, seja no acolhimento, nos espaços de escuta, na articulação em rede ou na própria produção de pesquisa, se conecta diretamente com a formulação de política. E é desse lugar que eu gostaria de falar agora – alguém que está entre o movimento social e o campo da saúde, e que entende que o cuidado apenas se realizada de forma coletiva. Não dá para falar de saúde mental apenas com profissionais da psicologia, muito menos com profissionais trans da psicologia.

Quando falamos de política pública, eu queria que nós pensássemos duas coisas que são bem importantes caminharem juntas: com o que fazemos política pública e como nós fazemos política pública.

Primeiro, para começar, com o que nós fazemos política pública.

Uma das coisas que muito importantes para nós são os dados. Os dados são poder. Eles ajudam a orientar políticas, a dimensionar problemas e também a mostrar quais são as urgências. Mas também precisamos estar incluídos na produção e no manejo desses dados, na manipulação desses dados. E aqui eu falo de manipular não no sentido de distorcer, mas de ter as nossas próprias mãos mexendo neles, produzindo, interpretando e usando os dados a partir das nossas realidades, porque, se não estamos presentes no processo, as nossas vidas ficam fora das estatísticas, e o que não aparece nos números dificilmente aparece nas políticas.

Há muitos trabalhos importantes sendo feitos, mas eu queria nomear um:

REUNIÃO: 21360 DATA: 19/09/2025 FL: 37 DE 66

Observatório Anderson Herzer, que produziu o Relatório das Mortes e Violências contra as Transmasculinidades, em 2022 e 2023.

No último ano, o de 2023, esse relatório foi realizado sem financiamento do estado. E isso não é uma coincidência, é o resultado de uma transfobia institucional. E essa ausência de recurso para produzir esse tipo de relatório evidencia uma limitação no alcance da própria pesquisa.

Além disso, devemos falar sobre a precariedade do trabalho desses pesquisadores, que pesquisam sem remuneração; e também da falta de estrutura para dar conta de todo um território em relação a um tema muito complexo.

Esses números são muito alarmantes. Eu não vou conseguir trazer todos por conta do tempo, mas eu queria trazer um número específico: em 2023, o relatório trouxe que 71,9% das pessoas transmasculinas pensaram ou tentaram o suicídio.

É importante dizer que esse dado não aparece isolado no relatório, ele é precedido por muitas outras violências – no trabalho, no acesso à saúde integral, no acesso a direito, nos vínculos comunitários. E a soma desses atravessamentos é que produzem o cenário em que esse índice tão grave se apresenta.

Eu vou pular um pouco os números porque eu acho que não vai dar tempo para tudo.

Mas, quando a gente olha, especificamente para as pessoas trans masculinas negras, esses dados ficam ainda mais graves. São números maiores. A intersecção entre transfobia e racismo aprofunda as desigualdades, precariza ainda mais as condições de vida e coloca esses corpos em risco acentuado de violência, exclusão e morte. Isso mostra que não dá para fazermos pesquisas e práticas sem pensar em interseccionalidade dentro das pesquisas que envolvem transidentidades.

Nós, do Ibrat-SP, estamos comprometidos com o levantamento de dados, estamos no processo de algumas pesquisas que estão sendo feitas, porque queremos contribuir para a discussão, pensando os dados na cidade de São Paulo e estamos com parcerias. O próprio gabinete da Deputada Erika Hilton com emenda parlamentar, então, há pesquisas acontecendo

CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
SECRETARIA DE REGISTRO PARLAMENTAR E REVISÃO – SGP.4
NOTAS TAQUIGRÁFICAS SEM REVISÃO

REUNIÃO: 21360 DATA: 19/09/2025 FL: 38 DE 66

fls 39

na Unifesp, no Instituto Polis, Nutes, com o Vote LGBT e com o Centro de Pesquisas Clínicas da USP para começarmos a ter os dados e discutirmos sobre isso.

Como eu disse, não basta a gente falar sobre com o que a gente faz política pública, mas também como a gente faz. Se se está falando de envolvimento com política pública, participação real, a gente precisa trazer essa generidade para jogo. Falar de políticas públicas voltadas para pessoas trans, é também falar da categoria cisgênero, ela ser nomeada, apontada, porque a perspectiva cisgênera de saúde nos violenta, nos machuca. Os parâmetros cisgêneros de saúde são violentos, os ideais, os sonhos, os desejos cisgêneros quando eles são inseridos no modo de fazer política e pensar a saúde mental se refletem em práticas que não nos acolhem. Pelo contrário, nos violentam, a gente vai buscar cuidado e sai violentado.

Esses parâmetros precisam ser desestabilizados, e eu aposto muito no envolvimento das pessoas trans, envolvimento com as pessoas trans para que isso aconteça, se envolver no sentido de ouvir, trocar com a gente, ler, construir conhecimento junto. Aqui nessa sala a gente tem pessoas incríveis que constroem saberes de forma articulada e com excelência, seja na academia, seja na música, seja com o corpo.

Para mim, há pessoas aqui que são muito minha referência no âmbito da psicologia: a Sofia Fávaro, o Zeca Carú de Paula são pessoas que estão produzindo conhecimento.

Como trazer esses conhecimentos para dentro da execução da política pública? A gente só vai ter uma prática de saúde mental, de fato, quando ela for pensada e construída com a gente: a construção de sentido em conjunto, que reconhece a multiplicidade das experiências e assegura que os cuidados se baseiem nos saberes de quem vive essas experiências. Quem está vivendo está construindo conhecimento sobre si. A gente precisa ouvir isso.

Tem uma política transversal do SUS que é muito importante para a gente pensar isso, que é a Clínica Ampliada. Estamos falando de uma política pública que valoriza o vínculo, o território, a articulação em rede. É uma política que ajuda a gente a considerar que o gênero é construído a partir de outros marcadores que compõem aquele sujeito: sua raça, seu território, seus desejos, suas crenças. E a gente precisa dos profissionais de saúde reconhecendo isso,

CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
SECRETARIA DE REGISTRO PARLAMENTAR E REVISÃO – SGP.4
NOTAS TAQUIGRÁFICAS SEM REVISÃO

REUNIÃO: 21360 DATA: 19/09/2025 FL: 39 DE 66

nos ouvindo, senão a gente não vai ter uma política de saúde que nos acolha, ainda mais de saúde mental, que a gente está falando, exatamente, sobre isso, o nosso modo de ver e de sentir o mundo.

O trabalhador de saúde não sabe mais do que a gente mesmo. Então, o cuidado, não pode ser dessa forma tutelar, ele tem que ser de garantia de direito e fortalecer nossa autonomia. É muito difícil para a gente estar falando disso aqui agora. É muito difícil, toca a gente em vários sentidos, mas é isso, é produção de caminhos de autonomia nossa, por mais que é difícil, a gente está aqui fazendo se tremendo, não é se a acolhendo. É difícil para caramba.

Acredito que é dessa forma: com participação real que a gente vai conseguir fazer política e não de uma forma engessada mesmo. Não de uma forma difícil, talvez, de uma forma calorosa, feliz, se ouvindo, indo para os espaços onde a gente está produzindo também a nossa vida.

Acho que é isso, gente.

Muito obrigado. (Palmas)

MESTRE DE CERIMÔNIAS - Obrigado, Juca.

Bom, pegando o gancho, vou fazer uma fala rapidinho só para agradecer e aproveitar essa oportunidade. Eu tentei suicídio aos sete anos de idade e, de lá para cá, a minha vida inteira é uma luta entre querer morrer e querer ficar vivo. Eu passei por alguns psicólogos, todos cis, no decorrer desses meus 34 anos e só agora, acho que eu tinha 32 ou 31, quando eu conheci o Thales, que é um homem trans, psicólogo, e quero agradecer a ele por ter salvado a minha vida inúmeras vezes. Muito obrigado. É muito importante que a gente tenha profissionais da saúde também, pessoas trans, porque o acolhimento é completamente diferente.

Thales, por favor, se levante para todo te ver. Thales, o psicólogo mais lindo, maravilhoso. Muito obrigado. (Palmas)

Agora, com muita emoção quero chamar um cara de quem eu sou fã, uma atração artística maravilhosa que vai nos presentear hoje também. Por favor, Gabrelú. Muito barulho. (Palmas)

O SR. GABRELÚ – Salve, gente. Boa noite.

Sim, Sou Gabrelú. Esse é o Jan, o Caos. É um prazer estar aqui hoje. Muito obrigado pelo convite.

Pode soltar o beat. E aumenta a base, não é? Vamos lá, palcos em formatos diferentes. Essa é a primeira vez e eu gosto. Está como o som? Está legal a base? Está boa a base? Está bom o microfone? Estão ouvindo? Então, perfeito. Vamos embora.

- Apresentação musical.

O SR. GABRELÚ – Gente, satisfação estar com vocês aqui hoje. Sim, sou Gabrelú, diretamente do interior, 015, Votorantim, para estar aqui hoje. Jamais, jamais, eu imaginei que estaria pisando aqui com o meu trabalho, com a minha arte. Eu jamais imaginei isso. Mas, quem tornou isso real são as pessoas que construíram isso, de antes, e quem continua construindo até agora. Então, muito obrigado a vocês. Agradeço muito a vocês. (Palmas)

Saideira, só uma prévia. Mas, antes de tudo, quero dizer o seguinte: hoje me faz muito mais sentido fazer esse anúncio. Vou lançar uma parada dia 23. E o nome dessa música é *Sou porque nós somos*. E imaginei que ia poder trazer aqui e falar sobre isso. Mas, quando fui ouvindo as pessoas, falei: “Mano, se você esperou o tempo que esperou para falar, era por isso. E se só vai lançar agora é porque precisava ser dito aqui.” Então, dia 23, o lançamento de *Sou porque nós somos*. Podem me encontrar no Instagram como @gabrelu_ e Jan, como...

O SR. JAN, O CAOS - audiovisucaos.

O SR. GABRELÚ – audiovisucaos. Então, dá-lhe.

- Apresentação musical.

A SRA. PRESIDENTE (Erika Hilton) – Não, mas deixe-me entender uma coisa, Gabrilú, você lançou agora aqui para a gente? Você vai lançar? Eu fiquei perdida, porque tinha várias pessoas cantando. Aí eu pensei, ainda vai lançar, mas o povo já está sabendo? Ou essa já existe e o lançamento é outra que você vai tirar do forno daqui a pouco? Essa já tem? Conta, só para eu entender essa parte.

O SR. GABRELÚ – Certo. Essa é *Meu DNA*, que eu cantei agora, que as pessoas

sabem, já está lançada. Quer ouvir? Vai na tua plataforma de áudio, se você gostar, ouve. Agora, *Sou porque nós somos* vai sair dia 23. É uma música nova. Certo?

A SRA. PRESIDENTE (Erika Hilton) – Entendi. Agora estou letrada, eu falei: “Gente, o pessoal vazou o *pen drive*, o pessoal está todo cantando. Passada, menino. Obrigada, Gabrelú. Obrigada - esqueci o nome - Jan, muito obrigada.

A gente inverteu um pouco a ordem. Trouxemos vocês mais para cá agora, porque a gente precisa dar uma quebrada na sequência de falas que nós tínhamos, para começar a convidar as pessoas que se inscreveram, senão não ia ficar um bloco exaustivo de pessoas falando. Então, a arte, a dança, a música, enfim são tão necessárias, alimentam tanto a nossa alma. Quero agradecer, porque fiquei surpresa com a parte que me citava nominalmente, uma honra e uma alegria para mim. Eu tenho sido citada nas músicas de vários artistas trans, tanto mulheres, quanto homens, remix, etc.

O Jupiter fez uma música com o meu nome também. Eu entro no Spotify e fico meia passada, falo: “Gente, quantas músicas sobre Erika Hilton. E que bom que na arte nós também estejamos aparecendo. Isso faz com que o nosso trabalho continue a existir para além dessas paredes cinzas, desse lugar horroroso, difícil, que odeia as artes, que odeia a diversidade. Cada vez que um artista, uma artista, cita os nossos nomes, reconhece o nosso trabalho, ecoa nossa voz ou faz um remix mesmo de uma fala nossa cheia de ódio no coração.

Beijo, meus amores. Obrigada. Arrasaram. Uma salva de palmas para House of Cabal. (Palmas)

A SRA. AMANDA PASCHOAL – Obrigada.

A SRA. PRESIDENTE (Erika Hilton) – E agora estamos indo para as nossas conclusões, não é Vereadora? Temos uma lista com...

A SRA. AMANDA PASCHOAL - Só deixa eu ver o protocolo aqui, gente, caso houvesse pessoas inscritas *on-line* para falar, que não temos, as falas estariam abertas. Agora serão só no presencial.

A SRA. PRESIDENTE (Erika Hilton) – Serão só no presencial, mas serei um tanto

CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
SECRETARIA DE REGISTRO PARLAMENTAR E REVISÃO – SGP.4
NOTAS TAQUIGRÁFICAS SEM REVISÃO

REUNIÃO: 21360 DATA: 19/09/2025 FL: 42 DE 66

fls 43

quanto rigorosa, porque são 21h37. Os nossos convidados vão falar: “Gente, não era isso que estava no convite. Tinha um teto esse convite”. É sexta-feira à noite e nós temos, graças às deusas, 16 inscritos para falar. Então, se nos empolgarmos no tempo, ficaremos até amanhã. Então, para que todos possam falar, fazer a sua saudação, dar as suas considerações e as pessoas não cheguem, ao final, chateadas, arrasadas, tristes, vamos tentar fazer tipo um minutinho, dois no máximo. Dois, se realmente for muito necessário, não der para concluir em um, porque a ideia agora é que seja mesmo uma saudação, para darmos espaço para os nossos convidados falarem, para os nossos convidados colocarem, enfim, as suas reflexões, as suas indagações, etc.

Vou seguir a ordem de inscrições da lista, a Kelseny está aqui com a plaquetinha, nossa assistente de palco. Está de ponta cabeça, Kel, com o nosso “um minuto” e eu estou com o microfone para dizer; “Conclua, amorzinho, por favor, a tia não quer ser ó, mas o relógio não para a gente, todo mundo quer ir para casa”. E eu estou aqui me retorcendo como uma cobra mal matada, porque eu estou com uma dor nas minhas costas. Gente, é coisa de idade, amiga, mas olha na transmissão para quem está me assistindo de casa, belíssima. (Risos) Ninguém fala que por dentro ela está completamente c*g*d*. Mas, vamos lá, então, porque ela fala para ser rápido e fica aqui fazendo circo, gracinha.

Não sei se é Paul. Paul Gialdroni.

Lá tem uma tribuna que é homem trans, a entidade, que aqui tem nome e entidade.

O SR. PAUL GIALDRONI – Gente, boa noite. Eu quero pedir contemplação com este assunto do tempo sobre eu conseguir falar devagar e falar certinho para que vocês consigam entender. E também porque sou a única pessoa trans imigrante que está nesta sala. Só por isso. Prometo não me estender. Só quero contextualizar.

Boa noite para todes, todas e todos. Meu nome é Paul Gialdroni. Eu sou um homem trans de 40 anos, imigrante. Sou escritor, articulador político, social e cultural de nosso continente. Faço parte de uma organização que trabalha pelos direitos das pessoas refugiadas, imigrantes, trans e LGTB.

Hoje eu estou aqui não só por mim, mas por meus companheiros da Argentina, do Paraguai, do Uruguai, do Chile, da Bolívia, da Colômbia, do Peru, do Líbano, de Marrocos e de um monte de países. E eles não estão aqui, porque não têm o acesso que eu tenho. Eu estou aqui porque sou um sobrevivente e um lutador, e consegui estar neste espaço. Estou aqui porque meus amigos migrantes salvam minha vida todos os dias, porque meus amigos brasileiros me apoiam, me abrem as portas.

Mas eu não quero estar sobrevivendo e salvando meus amigos. Eu quero políticas públicas para que possamos viver com dignidade e ser contemplados, porque nós não temos direito por sermos trans. E não temos direito por sermos imigrantes, entendem?

Aí, só para lembrar, há pouco tempo a Deputada viajou para os Estados Unidos e a soberania do Brasil, sua legislação, sua identidade, foram violentadas por imigrações e por um governo estadunidense. Você, tendo esse poder político, diplomático e sua partida retificada, passou por essa violência. Imagine nós, que não temos possibilidade de retificar nossa partida aqui, porque não temos esse poder todo, que não acontece na fronteira e no cotidiano em nossas vidas.

Eu só estou aqui para pedir apoio de você, porque a pauta migrante não é só nossa, não é só minha, é de todos nós, tem que ser de todos nós.

Eu atualmente fui escolhido delegado nacional - vou a concluir - delegado nacional para a conferência de direito que vai rolar em Brasília. Fui candidato no Conselho Imigrante, um monte de coisa que eu não posso fazer sozinho, gente, entende?

Então, hoje eu quero ir embora e pedir para você, Vereadora, e para você, Deputada, com todo o respeito, quero sair daqui e poder falar para minha organização que há o compromisso de vocês de nos encontrar e escutar nossas demandas e nossas fragilidades, para que não fiquemos excluídos e afastados, como se fôssemos uma coisa alheia, somos parte dela, a mesma história.

E lembrem de tudo isso, de que o Brasil não é só dos brasileiros. O Brasil é dos trabalhadores. E nós trabalhamos e construímos esta terra também.

Obrigado. (Palmas)

A SRA. PRESIDENTE (Erika Hilton) – Obrigada pela sua intervenção. Pode dizer que não sai daqui com o nosso compromisso. Nós já temos um compromisso com a pauta imigrante há muito tempo. Temos trabalhado há muito tempo na tentativa de ouvir, pegar demandas, encaminhar. É um desafio, inclusive, para dentro das instituições.

- Manifestação fora do microfone.

A SRA. PRESIDENTE (Erika Hilton) – Sim, obrigada, inclusive por fazer a minha publicidade, que eu mesma sou péssima em fazer publicidade de mim mesma, mas que bom que os nossos trabalhos são citados, reconhecidos. As nossas emendas e o nosso compromisso desde sempre com a pauta dos nossos irmãos e irmãs que vêm para o nosso país e muitas vezes encontram desafios inúmeros e assustadores.

Passo a palavra, então, a Kel Fernando, da entidade Conselho municipal LGBT. Vamos nos ater ao tempo, por favor.

O SR. KEL FERNANDO AZEVEDO SIMÕES – Boa noite, boa noite a todos.

Assim como o Paul eu saúdo também. A gente está aqui na luta.

Eu venho falar também um pouquinho, pegando um pouquinho da fala do Luca e também falando um pouquinho do Leo. Eu me senti muito emocionado, porque também como você, eu tive contato com o Popô, com o Demétrio. É uma luta muito minha também, ao longo da minha vida, da minha trajetória. Você foi um cara que me ajudou muito a ser quem eu sou hoje, de uma forma muito, assim, orgânica de fazer o trans diário.

Agradeço muito a você, noivo de Gabizinha, que também é outra pessoa, outra figura fofa, que eu amo de paixão. E estendo o convite...

- Manifestação fora do microfone.

O SR. KEL FERNANDO AZEVEDO SIMÕES – Fora, Mano.

A SRA. AMANDA PASCHOAL – Kel, pode continuar.

A SRA. PRESIDENTE (Erika Hilton) – Kel, continua, porque o nosso horário está super apertado. Nós estamos com o horário muito apertado.

O SR. KEL FERNANDO AZEVEDO SIMÕES – Eu estendo o convite a vocês da Mesa a estarem conosco na construção política, porque nós, infelizmente, não temos representatividade...

Meu amigo, vaza! Fora!

- Tumulto.

A SRA. PRESIDENTE (Erika Hilton) – Inscreva-se como todo mundo. Você queria entrar, agora, eu te escuto, se você estiver inscrito. Estou no segundo nome da lista. Você vai esperar os outros 16 nomes. O seu nome, que eu não sei qual é, provavelmente, vai estar aqui em algum momento, e você vai ter oportunidade de falar.

Não deixem eles atrapalharem os trabalhos, deixem eles entrarem.

O SR. KEL FERNANDO AZEVEDO SIMÕES – Não, você não vai ter poder de falar não, você vai ficar quietinho pela sua vez. Respeito e educação, meu querido.

- Tumulto.

A SRA. PRESIDENTE (Erika Hilton) – Com a palavra, Kel Fernando.

Peço aos nossos convidados que se retirem dessa discussão. Eu peço aos nossos convidados que respeite este espaço e que não permita que estas pessoas façam daqui um palco dos seus episódios.

Ele vai terminar de falar, eles vão ficar sentados, porque aqui é um espaço público e eles podem se sentar. Termine a sua fala. Eu chamarei os próximos convidados. Na hora que chegar o nome deles, irão falar. Caso o nome deles não estiverem na lista, eles não falarão. Não entrem em bate boca, em discussão, não dê palco. Vamos continuar os trabalhos da nossa audiência. (Palmas)

Com a palavra Kel Fernando.

O SR. KEL FERNANDO AZEVEDO SIMÕES – Prestem atenção no que eu vou falar para vocês. Precisamos de representantes políticos trans masculinos. Sou conselheiro municipal, assim como o Paul. A gente vai para Brasília discutir políticas públicas para os nossos corpos. Entram no meu insta, Kel Azevedo. Tem um formulário para todos os trans mascos

CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
SECRETARIA DE REGISTRO PARLAMENTAR E REVISÃO – SGP.4
NOTAS TAQUIGRÁFICAS SEM REVISÃO

REUNIÃO: 21360 DATA: 19/09/2025 FL: 46 DE 66

fls 47

entrarem e preencherem. A gente também quer ouvir vocês.

Enquanto conselheiro, sou representante de todos vocês, da nossa causa. Então, é importante que vocês não desistam de estarem aqui, não desistam. O Demétrio e o Popô desistiram. Não desistam, porque eles querem isso, e a gente não vai dar isso para eles. (Palmas)

A gente não vai dar isso para eles. Eu estendo o convite a toda a Mesa. Quero, também, estar com você, Erika, com você, Amanda, para a gente poder somar nessa luta, para trazer para vocês demandas dos nossos corpos, da nossa população, para a gente se fortalecer, incluindo uma coisa: temos uma pessoa neste espaço que não nos representa. Precisamos de outra pessoa que nos represente e que assim some com a Amanda para a gente fazer políticas públicas acontecerem para nós também. (Palmas)

A SRA. PRESIDENTE (Erika Hilton) – Obrigada, Kel, pelas suas contribuições.

Eu vou fazer uma consideração que, se os nossos convidados usarem da palavra para se referir aos não convidados, eu pedirei à Vereadora que encerre os trabalhos, e nós vamos acabar a audiência. A audiência não vai ser tumultuada ou desviada do seu foco por três ou quatro pessoas que chegaram no final para criar confusão.

O nosso tema não é saber quem está aqui, se é nosso amigo, se é nosso aliado ou se é do nosso grupo político, desde que respeite a audiência e a acompanhe dos seus devidos lugares, como todos os outros estão acompanhando, todos são muito bem-vindos e podem ocupar esta Casa, podem se sentar nessas cadeiras, porque diferente de muitos grupos políticos, nós acreditamos na democracia. E a democracia pressupõe a convivência com os diferentes. (Palmas) A democracia pressupõe a convivência com aqueles com quem nós não concordamos, então, desde que o respeito e a ordem sejam mantidos, nós vamos.

Agora, eu vou passar a palavra ao Ravi.

- Manifestação fora do microfone.

A SRA. PRESIDENTE (Erika Hilton) – Eu estou te tratando com respeito e com cordialidade; e se eu não conseguir continuar os trabalhos...

- Manifestação fora do microfone.

A SRA. PRESIDENTE (Erika Hilton) – Eu passo, agora, ao Ravi Spreizner, representando o Ibrat São Paulo.

O SR. RAVI SPREIZNER – Boa noite para todas as pessoas presentes, menos para algumas. Sou o Ravi Spreizner, sou um transativista bissexual, atual Vice-Coordenador do Ibrat São Paulo, um dos idealizadores da Marcha Transmasculina, ao lado do meu companheiro de luta, Kyem Ferreiro, e também sou atual Conselheiro Estadual LGBTQIAPN+, por uma cadeira de homem trans. Fui o segundo mais votado. Essa foi uma luta do nosso movimento, sempre invisibilizado, mostrando que a gente tem força de pôr pessoas representativas na política, para lutar por políticas públicas.

E uma das coisas que eu quero dizer, primeiramente, é: obrigado por construir essa Mesa tão importante, essa audiência pública, por estar nesse espaço para falar de um tema que é muito urgente da nossa comunidade, muito caro, porque a gente gosta de falar que o Brasil é o país que mais mata pessoas LGBTQIAPN+, mas não faz o recorte. É o país que mais mata travestis negras nas esquinas e é o país que mais suicida pessoas transmasculinas.

Então, eu quero dizer que, no início, muitas pessoas se emocionaram porque a maioria das imagens eram da Marcha Transmasculina, um ato histórico para o movimento trans do mundo inteiro, a primeira marcha transmasculina do mundo, que foi construída de forma política, coletiva, organizada, com mais de 100 organizações, mais de 100 pessoas, porque a gente se sentia sozinha na avenida e esse foi o mote. E depois que a gente levou mais de 10 mil pessoas para as ruas, entendeu que não estamos sozinhas e muito menos do que isso, nós somos mais fortes.

E quando a gente está falando sobre saúde mental também, está falando sobre construção de política coletiva, sobre a gente não se sentir sozinha. A Marcha Transmasculina, para mim, é um marco de cuidado da saúde mental, e não só minha, porque a gente recebeu dezenas, centenas de mensagens de pessoas não apenas de São Paulo, mas de fora do Brasil, que também estão começando a construir suas marchas transmasculinas para que a gente

CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
SECRETARIA DE REGISTRO PARLAMENTAR E REVISÃO – SGP.4
NOTAS TAQUIGRÁFICAS SEM REVISÃO

REUNIÃO: 21360 DATA: 19/09/2025 FL: 48 DE 66

fls 49

passa a ter uma primavera transmasculina, porque chega de invisibilidade, chega de falta de direitos e muito mais. Chega que a gente não tenha mais voz e se sinta sozinha, que se mate, deixa a sociedade nos suicidar.

Então é muito importante esse debate hoje, porque a gente não está apenas falando sobre prevenção ao suicídio, mas sobre acesso à saúde, à educação, à moradia digna, à qualidade. E saúde mental também é sobre isso, porque cerca de 50% apenas das pessoas trabalhadoras, da comunidade transmasculina, ganha mais de um salário mínimo. Então é muito importante a gente falar sobre isso, sobre renda, sobre trabalho, educação; avançar para falar que a gente não está aqui apenas combatendo suicídio, está por uma luta de uma comunidade que tenha a vida digna e não ceifada pela sociedade cisgênero. (Palmas)

A SRA. PRESIDENTE (Erika Hilton) – Obrigada, Ravi, pelas suas palavras, mas também pela construção, por ocupar espaços, pela marcha, por disputar. Eu estava doente na outra, mas nessa próxima eu estarei ótima, saudável, cheia de energia para também acompanhar. Com fé nas deusas, querida. Bate um vento mais forte, eu já fico gripadinha.

Agora, eu vou chamar o Noah Nunes, representando, a Fonatrans.

O SR. NOAH NUNES – Boa noite, boa noite a todos, a todas as autoridades presentes. Saúdo a Erika e a Amanda, que tanto contribuem com a existência, e enfim, quesitos financeiros, auxílios financeiros para o Fonatrans estar existindo hoje e fazendo os seus trabalhos de forma tão excelente.

Como já foi dito, me chamo Noah Nunes, sou um dos Coordenadores do Núcleo de Transmasculinidades do Fonatrans e venho representando o Fórum. Eu sou muito grato por essa união, por estarmos hoje reunidos, por ver tantas masculinidades, transmasculinidades, transmasculines reunidos, mesmo com essas estatísticas hoje gritantes e alarmantes que tanto permeiam os nossos corpos, tantas agressões.

Hoje, a gente precisa falar sobre políticas públicas, mas especialmente sobre aquelas que realmente funcionem de forma adequada, que representem também as nossas corporeidades, dentro do sistema público de saúde. E eu queria dizer que me alegro muito,

CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
SECRETARIA DE REGISTRO PARLAMENTAR E REVISÃO – SGP.4
NOTAS TAQUIGRÁFICAS SEM REVISÃO

REUNIÃO: 21360 DATA: 19/09/2025 FL: 49 DE 66

fls 50

demais mesmo, de ter essa representatividade, de ver tantos corpos trans. Eu sou uma pessoa do interior paulista, da cidade de Bauru, e a representatividade dessas transmasculinidades é quase inexistente na cidade. Por isso, estar aqui hoje é motivo, para mim, de enorme celebração, de ver tantos corpos que também me representam e representam as transmasculinidades do interior de todos os estados.

Mas infelizmente, hoje a gente também enfrenta uma realidade muito dura e que é muito clara: as pessoas trans enfrentam um nível muito alarmante dentro do sofrimento psíquico que é fruto, a gente sabe, direto da exclusão que nós sofremos; fruto da violência, da invisibilidade institucional que nós vivemos, é reflexo de tudo isso. E essa violência tem um impacto crucial na nossa saúde mental. Então é importante a gente falar, pensar em implementar políticas públicas que também sejam efetivas.

Eu agradeço muito pela presença, mais uma vez, podendo representar o Fonatrans e as transmasculinidades, que são muito silenciadas, principalmente as do interior do estado.

Agradeço. (Palmas)

A SRA. PRESIDENTE (Erika Hilton) – Obrigada, Noah.

Eu acho que o nosso próximo convidado, que era o Fabian, já precisou ir, porque não estou vendo...

- Manifestação fora do microfone.

A SRA. PRESIDENTE (Erika Hilton) – Por favor, chegou o seu momento, eu achei que você tivesse ido embora. Fabian Algarte da Silva, Coordenador Nacional do Ibrat.

Mas caso alguém queira desistir das suas inscrições também, esses pedidos estão sendo aceitos. Quando o seu nome for chamado, pode declinar dessa possibilidade. Isso não é para você, Fabian, estou só aproveitando a oportunidade, o ensejo, porque achei que você tivesse ido embora, para fazer esse comunicado. Vai que alguém queira desistir.

O SR. FABIAN ALGARTE DA SILVA – Oi, pessoas, boa noite. Meu nome é Fabian Algarte. Eu tenho 51 anos, sou um homem trans, autista, Nível 2 de suporte. Eu acho que a gente já pode chegar a uma conclusão, a partir das nossas falas, que o processo de adoecimento da

CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
SECRETARIA DE REGISTRO PARLAMENTAR E REVISÃO – SGP.4
NOTAS TAQUIGRÁFICAS SEM REVISÃO

REUNIÃO: 21360 DATA: 19/09/2025 FL: 50 DE 66

população transmasculina vem sim de uma sociedade, de uma branquitude cisheteronormativa, que é machista, que é misógina, que é capacitista, que é elitista e que é sim classista.

E a produção da saúde mental da população trans e da população transmasculina é feita por nós, pelo nosso acolhimento, pelo nosso aquilombamento, pela nossa construção coletiva de dar a mão para o colega e dizer: meu amigo, o direito ao afeto é seu; o direito ao afeto é nosso, porque essa é a primeira coisa que tiram de nós. Você não vai ser amável se você for trans, você não vai ser querido se você for trans, você não vai existir se você for trans.

Nós, do Instituto Brasileiro de Transmasculinidades, criamos o Observatório Anderson Rezer e passamos por um universo de violência, e eu quero lembrar que aos ativistas transmasculinos, aos ativistas da população trans e travestis é negado o direito à saúde, porque nós precisamos sim conviver com todos os ciclos de violência que perpassam toda a nossa população e representar diante de um poder público da branquitude cisheteronormativa que diz que eu não preciso de política, que eu tenho direito a parir e que alguém vai ter que garantir que eu vou ter não só o absorvente, mas o anticoncepcional. Eu quero direitos parentais, política de aleitamento, espaço de acolhimento. (Palmas) E outra, eu não admito que um sujeito reduza a minha existência à incapacidade que ele tem de pensar, porque eu sou uma pessoa independente do que tenho a dizer.

- Manifestação do público.

O SR. FABIAN ALGARTE DA SILVA – Nós somos pessoas, não importa o que tenham a dizer, não depende da existência do outro o meu direito de existir. E eu aprendi isso com a pessoa transmasculina que vive ao meu lado, com as pessoas transmasculinas, com as travestilidades que compõem essa nossa existência. E eu quero agradecer a persistência da nossa população, que tem ocupado cada vez mais espaços como a Liga Transmasculina João Nery, que está representada ali pelo meu queridíssimo Gab Van; como o nosso querido Zeca Carú, que vai ocupar o Conselho Federal de Psicologia, na próxima gestão; e a cada um de vocês que está aqui resistindo. Nós vamos resistir juntos, porque a existência é nosso direito e daqui a gente só vai para frente.

Obrigado. (Palmas)

A SRA. PRESIDENTE (Erika Hilton) – Obrigada, Fabian, querido.

Passo, agora, a palavra para Ícaro Theodoro da Silva, que trouxe fã-clube. (Palmas)

Ele é da Trans Conecta e Coletivo de Transmasculinidades Negras. Maravilha, tem a palavra querido, obrigada.

O SR. ÍCARO THEODORO DA SILVA - Boa noite a todos que estão me ouvindo.

Como a Presidenta já disse, meu nome é Ícaro Theodoro da Silva, tenho 26 anos, sou oriundo de Taboão da Serra. Acho que falar da minha história é falar sobre saúde mental. Eu sempre saio lá da minha quebrada para vir buscar coisas aqui no Centro, porque nos falta um pouco de conhecimento, de união.

Eu fui adicto, muitos anos da minha vida, basicamente por 12 anos usei cocaína. Também tive uma vivência com o Demétrio, ele passou um tempo lá no Taboão com um grande amigo meu, assim eu o conheci. E a última vez que eu o vi, a gente estava realmente falando de como a nossa vida estava difícil, e o quanto que a gente se esforçava para não ir embora. Logo após, não demorou muito tempo, coisa de três meses, ele se foi. Naquela época, foi muito sofrido para todos, mas eu não mudei muito, só mudei mesmo em 2024, quando a fala do Léo, que é a mesma que a minha, falei: “Poxa, eu estou aqui neste mundo e que legado eu estou deixando, o que eu estou fazendo com a minha vida?”

Então, eu decidi que ia mudar completamente, que eu ia entrar num casulo, e ia voltar como uma borboleta. Eu estou há um ano e 7 meses limpo, parei de me embriagar. E não que eu julgue quem faz abuso de substâncias psicoativas, mas eu acho que esse abuso que a gente usa para fugir da realidade, a gente tem que começar a encarar mais a nossa realidade.

Foi aí que eu entrei em vários cursos. Um deles foi no Fonatrans, que foi Gestão, Captação de Projetos. Lá a gente ficou quatro dias num hotel, e eu conheci muita gente legal. A gente falava assim: “ah, vamos nos encontrar lá em casa, mais tarde?” Porque era, tipo, ir ao hotel do outro, e eu percebi que eu não conseguiria mais viver sem ter aquilo na minha vida. Eu saí de lá e fundei o Trans Conecta - Coletivo de Transmasculinidades Negras. Hoje, a gente atua

CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
SECRETARIA DE REGISTRO PARLAMENTAR E REVISÃO – SGP.4
NOTAS TAQUIGRÁFICAS SEM REVISÃO

REUNIÃO: 21360 DATA: 19/09/2025 FL: 52 DE 66

fls 53

com o projeto Calistenia Trans+, que é onde a gente encontra meninos para fazer calistenia. Eu aprovei meu primeiro projeto, em menos de três meses, saído do curso Cine Trans, e hoje a gente vai apresentar uma amostra de curtas da visibilidade trans, lá na minha cidade, Taboão da Serra, e estão todos os convidados.

Ontem, também foi realizada uma aula de mobilidade e flexibilidade para pessoas trans. E, gente, eu estou barbarizando, porque quando eu percebi que eu podia mudar a minha realidade através de projetos, foi isso que abracei. E foi com a sua ajuda, lá eu encontrei a Amanda, e foi com a ajuda da Erika - não sei se você lembra de mim, no dia - e com a sua ajuda, porque foi lá nesse curso no Fonatrans que eu realmente consegui me inspirar, e estou aí com os projetos. (Palmas)

E só queria dizer que a gente tem que parar de dar palco para gente maluca, a gente tem que começar a se juntar, gente, visar nas coisas boas. A gente tem que realmente mudar a nossa realidade e focar na nossa saúde mental, na nossa união, na nossa comunhão, em tudo que há de bom, vamos parar de focar no que é ruim. (Palmas)

A SRA. PRESIDENTE (Erika Hilton) – Arrasou, obrigada, querido, parabéns. Ícaro, querido, que bom, obrigada pelo seu relato, que alegra a gente, faz a gente continuar ainda nos espaços, e acreditando no que a gente faz, obrigada. Às vezes, as pessoas acham que a gente só muda as coisas pela letra dura da lei, mas, às vezes, uma troca, um contato, um negócio que a gente realiza, a gente consegue tocar uma pessoa, estimular, encorajar, isso é fazer política. Fazer política não é só a legislação em si, mas é tudo aquilo que a gente consegue representando mobilizar e fazer.

Tem a palavra Jupitter Pimentel. Só vou reforçar para que vocês, que possam continuar se atendo ao tempo, por favor.

- Manifestações fora do microfone.

A SRA. PRESIDENTE (Erika Hilton) – Calma, calma, calma, não entrem na onda, não entrem, quebra o corte, quebra o corte. Você não é a única pessoa inscrita, você vai esperar, você não está na sua casa.

Jupitter fala, pode falar.

O SR. JUPITTER PIMENTEL – Boa noite, peço licença a todos. Eu escrevi para ser mais rápido, para não fazer rodeios. Então, é isso: “Ano passado, tivemos a repercussão do termo boyceta viralizado através de um corte de podcast do qual participei. Foram milhares de visualizações em perfis de extrema-direita, de canalhas como Nicolas Ferreira, incitando o ódio e deturpando o significado do termo.

Fui hostilizado, humilhado, assediado, ameaçado e até processado. Mas, de todas as violências que passei, as piores vieram da comunidade Lgbtqiapn+, principalmente da minha própria comunidade, especialmente de pessoas trans masculinas, e ali eu entendi o Popô Vaz. Naquele momento, eu quase virei estatística. Boyceta é sobre minha identidade, nunca escolhi tudo que ali aconteceu ou em decorrência daquele vídeo. Eu não agredi ninguém, matei, roubei, ou tentei um atentado contra a democracia ou contra ou a favor à escala 6/1, enfim.

Mesmo assim, ainda recebo olhares de ódio e desprezo, por conta desse termo e suas decorrências. Eu fui boicotado em espaço de fala, tive meus cartazes derrubados na última marcha transmasculina, e tudo que eu defendo é a liberdade de nos identificarmos como quisermos. Boyceta é uma identidade legítima tanto quanto o homem ou a mulher. Boyceta é sobre resistência transmasculina, mostra que existe diversidade e pluralidade nas identidades e nos corpos transmasculinos. A validação das nossas identidades é também sobre saúde mental.

Dizendo isso, eu quero convidar todes para participar de uma pesquisa que eu estou levantando junto com o Museu da Diversidade Sexual, sobre a diversidade de identidades transmasculinas. O *link* está no meu perfil para participação, a resposta leva dois minutos no máximo. Todo mundo daqui pode participar, sendo homem trans ou uma pessoa não-binária, uma pessoa transmasculina.

É muito importante que a gente tenha a maior quantidade de respostas possível, porque isso é sobre documentar e registrar o momento histórico que a gente vive, das identidades contemporâneas, da transmasculinidade e do que a gente tem feito e vivido no nosso tempo, certo?

Então é isso. Muito obrigado, Erika. Muito obrigado, Amanda. Muito obrigado a todes.

A SRA. PRESIDENTE (Erika Hilton) – Obrigada, Jupitter. Estamos acabando a primeira lista, vamos para a segunda lista, ainda faltam algumas pessoas. Então, vou mais uma vez pedir, por favor, se atenham ao tempo, nós estamos aqui há bastante tempo, são 22h09. Nós não podemos impedir que as pessoas que tenham se inscrito falem, então, vamos chamar todos os nossos inscritos. Mas, por favor, gente, se atenham ao tempo.

E eu estou com aquela dorzinha, que eu já tinha comentado antes, mais cedo com vocês.

Então, eu vou chamar Thomas Levi, que representa o Centro de Referência LGBTI Edson Nêris.

O SR. THOMAS LEVI CIPRIANO - Boa noite a todes. Eu sou Thomas, sou técnico-pedagogo no Centro de Referência LGBTI Edson Nêris, que fica na zona Sul, no Campo Limpo. Estou atuando no centro de referência desde o ano passado, sou um homem trans. Então, desde o ano passado, estou trabalhando principalmente com o Programa Transcidadania.

Mas não somente, porque quando a gente faz atendimento à população LGBTI na zona Sul, principalmente a população trans, a gente é exposta a uma realidade dentro da nossa comunidade, dentro da nossa região que a gente atua, que antes não era vista, mas hoje fica muito palpável. Por exemplo, quando chega um atendimento que é preciso fazer um acolhimento de uma pessoa trans masculina, de um homem trans, que se encontra a situação de rua, eu tenho que encaminhá-lo para o Centro POP, para conseguir uma vaga em um centro de acolhida, e entender que centro de acolhida especializado para homens trans, nós só temos um, que é recente.

Muitos homens trans, das pessoas transmasculinas, estão em centros de acolhida especiais para mulheres. Na zona Sul temos três centros de acolhida especializados para mulheres, onde há vários homens trans que se sentem desconfortáveis. Não conseguem viver suas identidades de forma plena, sofrem diversas transfobias dentro desses espaços.

Venho mais para trazer essa realidade de que a gente precisa... A gente tem o Centro

de Acolhida Especial João Nery, mas precisamos ampliar essa política, para que essas pessoas possam ter a sua dignidade e seu espaço.

Agradeço a fala. Obrigado. (Palmas)

A SRA. PRESIDENTE (Erika Hilton) – Nós que agradecemos.

Vamos chamar Charlie Gustavo.

O SR. CHARLIE GUSTAVO – Boa noite a todes. Serei bem breve. Escrevi as minhas falas. Uma coisa que não falaram aqui.

Como homem trans que está gestando, inclusive.

- Manifestação do público.

O SR. CHARLIE GUSTAVO – Quero destacar a importância da saúde mental para as pessoas transmasculinas que gestam. A nossa saúde mental é fundamental para enfrentar os desafios da gravidez. É crucial que tenhamos acesso a serviço de saúde inclusivos e apoio psicológico, para garantir o nosso bem-estar.

Vamos trabalhar juntos para criar um ambiente mais acolhedor para todos nós. É isso. (Palmas)

A SRA. PRESIDENTE (Erika Hilton) – Gente, arrasou nesse tempo. Olha, você, realmente, pisou na coisa do tempo.

Vamos chamar Benjamim Damini.

O SR. BENJAMIM DAMINI – Boa noite a todes. Também escrevi para ser o mais breve possível. Só estou falando que ninguém trouxe esses tópicos, então... enfim. Escrevi enquanto eu estava aí. Certo. Alguns questionamentos, sugestões, dentro desse meu recorte, de um ponto de vista leigo desses trâmites do Legislativo, mas de coisas que sinto são relevantes e importantes de trazer neste lugar.

A primeira questão é sobre o acolhimento de adolescentes trans. Embora eu não seja adolescente, eu me lembro que foi a época mais difícil para mim, até hoje, nesse quesito de saúde mental. Acredito que para bastante gente também foi.

Quero trazer essa necessidade de pensar políticas públicas de suporte a menores

REUNIÃO: 21360 DATA: 19/09/2025 FL: 56 DE 66

de idade TLGB+, porque essas pessoas não têm os seus direitos básicos resguardados. Algo muito simples como o nome social na escola.

Eu soube recentemente de mais um caso de um menino menor de idade que se suicidou, porque são pessoas que estão sendo expulsas de casa e não têm uma casa de acolhimento, algum lugar, que possa dar esse suporte social.

O outro tópico é sobre o incentivo a pessoas trans no esporte. Acho que o esporte é uma pauta muito recorrente da agenda antitrans. Em contrapartida sei que eu e várias pessoas transmasculinas usamos o esporte como válvula de encontro com a vida. Trago esse depoimento pessoal de um momento em que eu estava muito deprimido, por causa de um amigo muito próximo que se suicidou. Era uma pessoa trans.

A SRA. PRESIDENTE (Erika Hilton) – Benjamim, conclua.

O SR. BENJAMIM DAMINI – Vou concluir. Saber que tinha de mandar buscar, que tinha o treino, já era algo que me fazia literalmente levantar da cama. Recentemente, a gente teve o Paulistrans que é o campeonato paulista de futsal trans.

Quero reforçar a necessidade em ter incentivos públicos para iniciativas como essa, que são importantes para a saúde mental.

Obrigado.

A SRA. PRESIDENTE (Erika Hilton) – É o ó botar pressão, mas o tempo, o relógio não para de rodar.

Chamo o Tiely Santos, Ponto de Cultura Hip Hop Mulher.

O SR. TIELY SANTOS – Saudação a todos, todas e todes. Meus cumprimentos à mesa. Infelizmente, o Léo já foi embora, mandei um beijo de lá para cá para ele. Estou muito feliz em participar deste espaço, neste momento. Ver e estar com tantos iguais, ficamos com o coração quentinho, a mil por hora, também, de ver tantas pessoas.

Coordeno um ponto de cultura chamado Hip Hop Mulher. Hoje já foi certificado como pontão de cultura articulando, para a gente ampliar mais o leque das possibilidades. Mas sempre o ponto de cultura.

Agora, falando na questão da parte da cultura, a gente sempre buscou trabalhar com a questão de trazer os LGBTQAPN+ para dentro da pauta desta pasta da cultura, dentro do nosso espaço.

É extremamente importante para todos, todas e todes participarem de eventos culturais, de prestigiar os artistas, as artistas, os artistas trans. A gente sabe que está numa cidade imensa, uma megalópole, mas sempre que gente não puder ir a gente pode divulgar, porque isso faz muito bem para a nossa saúde mental também.

O artista trans precisa muito da presença e da divulgação de todo mundo também.

Eu estou coordenando um projeto, uma pesquisa, de LGBTQAPN+, da cultura Hip Hop, é o meu recorte à cultura Hip Hop. É muito importante para quem estiver presente, que seja da cultura Hip Hop participe dessa pesquisa que está no meu Instagram @Tielyoficial.

Muita coisa para falar, mas tudo bem. É isso aí.

A SRA. PRESIDENTE (Erika Hilton) – Vamos fazer outras audiências. O que não foi possível ser contemplado, a gente ouve numa outra audiência com início às 19h, quando a gente estiver com mais energia.

Chamo o Zeca Carú de Paula Seabra, psicólogo.

O SR. ZECA CARÚ DE PAULA SEABRA – Boa noite. Boa noite a todas as pessoas presentes. Saudar a mesa parece que é um modo que se faz aqui. Saúdo a mesa.

Eu e Jaqueline Gomes de Jesus acabamos de ser eleitos como os primeiros conselheiros trans, do Conselho Federal de Psicologia. Com uma história de mais de 50 anos, o Conselho Federal de Psicologia nunca tinha tido psicólogos trans. É a primeira vez.

A Vereadora Amanda Paschoal, inclusive, manifestou apoio pela Chapa Confluências e Equidade, que é a chapa que acaba de vencer a consulta nacional para o Conselho Federal de Psicologia.

Isso é um marco. Algo, evidentemente, importante, mas não é tanto motivo de alegria, porque dá notícias da história que a gente compõe.

Eu queria, na verdade, dizer algo mais importante do que isso, porque, realmente,

CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
SECRETARIA DE REGISTRO PARLAMENTAR E REVISÃO – SGP.4
NOTAS TAQUIGRÁFICAS SEM REVISÃO

REUNIÃO: 21360 DATA: 19/09/2025 FL: 58 DE 66

acho mais importante do que acabei de dizer que é... Não sei se vocês se deram conta, mas neste espaço, hoje, nós adotamos um combo de elaboração e de encontro que é, no mínimo, colonial. Isso não é uma crítica, não é para doer em todos nós, em certa altura, mas é colonial porque só nos coube dizer em certa altura e, mais do que nunca, como sempre da nossa dor.

É evidente que é preciso falar da dor. É evidente que é preciso acolher o sofrimento. Disso, eu aposto que nenhum de nós tem dúvida. Mas uma coisa que a colonialidade garante que nós esqueçamos é de que como nós cuidamos da ferida. Não basta dizer da dor se não houver movimentos efetivos de cuidado da ferida. Escuta por escuta não cura e não cuida.

Hoje, por favor, vocês, que vão voltar para casa, voltem acolhendo cada um de nós. E acolher não é simplesmente dizer: “Ai, que gostosinho estar junto”. Amigo, é efetivamente sustentar a dor de escutar o quanto dos nossos morreram. Isso dói. E esse não é o único modo de fazer política. Esse é modo branco colonial de fazer política, e não dá para discutir saúde mental no território brasileiro sem considerar que nós sofremos ainda hoje a violência que perdura 500 anos. Isso não é detalhe, isso não é mera militância, isso é um dado efetivo para quem, inclusive, estuda saúde mental no campo da psicologia. Isso é um campo de atuação. É um campo de pesquisa. Nós precisamos romper esse modo.

Por favor, se cuidem, bebam água. Estejam com um de vocês de fato, para que possamos, novamente, em outro momento – não é mesmo, Erika? – voltar a escutar e construir espaços de discurso como esse. (Palmas)

A SRA. PRESIDENTE (Erika Hilton) – Obrigada, Zeca Carú.

Chamo, agora, Astro, também psicólogo, para falar.

E vou reforçar o tempo. Prestem atenção ao tempo.

Concluir é concluir. Concluir não é metafórico.

O SR. ASTRO RAFAEL DE ALMEIDA – Salve, salve, família.

Obrigada pela oportunidade de fala.

Eu sou Astro Rafael, psicólogo e redutor de danos.

Enquanto falávamos aqui, eu escrevi uma coisa sobre a luta antimanicomial.

A luta antimanicomial é encruzilhada. Quando pensamos política pública, periferia, transmasculinidades, não-binariedades e saúde mental, estamos falando de corpos que historicamente foram silenciados, medicados e isolados. O nosso desafio é romper com o modelo de exclusão e afirmar práticas de cuidado que reconheçam diversidade, território e dignidade. Cuidar não é trancar, é abrir caminho.

Esse é o recado que eu queria deixar para hoje.

Meu insta é @astrolandia.rb. E nos vemos lá fora para beber uma breja. (Palmas)

A SRA. PRESIDENTE (Erika Hilton) – Nossa, aulas e aulas!

Obrigada, meu amor. Obrigada.

Agora convido Rudah Rael, que representa o Fonatrans.

O SR. RUDAH RAEL – Boa noite a todes.

Eu me chamo Rudah Rael. Tenho 25 anos. Eu sou brasileira, migrante em São Paulo há um ano e meio. E hoje represento o Fonatrans, que é o Fórum Nacional de Travestis e Transsexuais Negras e Negros, fundado em 2014, e que desde então vem lutando.

Hoje a palavra para mim é “urgência”. E com todos esses relatos, nós entendemos a urgência, porque, assim como é para mim, eu também gostaria de compartilhar que eu sou uma pessoa autista com diagnóstico tardio. E todo esse desrespeito, esse barulho e essa movimentação de dar palco, e essas coisas, me deixou completamente desregulado.

Eu estou aqui lutando mais uma vez para tentar falar. E até mesmo nos espaços em que discutimos saúde mental, nós não falamos sobre saúde mental muitas das vezes, que é sobre esses desafios em relação a ser uma pessoa neurodivergente neste país.

Hoje, para mim, e para muitos, acredito que seja vitória ter sobrevivido e estar aqui para vivenciar esse momento e compartilhar as nossas vivências; e poder, hoje, estar aqui, vivo, compartilhando com vocês e falando.

Esse tipo de movimentação traz a esperança, que é arrancada, roubada, todos os dias de nós. Mesmo que tentemos muito, as pessoas arrancam isso de nós. E ainda nos sentimos culpados por isso. Culpado por pensar muitas vezes em desistir, principalmente pela

invisibilização.

Gostaria de compartilhar também que pensar e repensar masculinidade todos os dias não é fácil. É um trabalho de andar na corda bamba entre a toxidade da masculinidade cisgênero, que é imposta, e que a pessoa acha que tem que ser ouvida a todo custo, e tudo o mais, com desrespeito, e muitas coisa. Mas, graças a Deise, eu sou trans. E eu acho que é uma premissa nós sabermos entrar e sair dos lugares.

Eu estou com um textinho, mas já estou concluindo.

“Lutar e gritar, e muitas vezes não ser visto. Dói não sermos vistos, muitos de nós, como potências, como agentes cruciais de transformação e mudança das estruturas desta sociedade penosa em que vivemos. São passos curtos por aqueles que conseguem sobreviver. E vamos tentando nos apoiar como dá.”

Por isso que para mim hoje é importante, pois vemos como é importante o suporte essencial de todas as identidades aqui presentes – travestis, pessoas não binárias, etc.

E com essas movimentações, nós não fazemos mais um convite, mas, sim, uma intimação para toda a sociedade pensar, ouvir e compreender as nossas individualidades narrativas e múltiplas formas de existência.

Estarmos vivos hoje é uma nítida expressão de hackeamento entre a morte designada e a vida plena enquanto desobediência.

Agradeço muito pelo espaço, pela escuta, pela disponibilidade de todes no dia de hoje; e por escolherem tornar prioridade as pautas transmasculinas.

Obrigado. (Palmas)

A SRA. PRESIDENTE (Erika Hilton) – Obrigada, Rudah.

Chamo agora Kayode Cajota.

O SR. KAYODE CAJOTA – Primeiro, obrigado, amigo, por compartilhar, porque crianças suicidas existem e resistem.

Se eu vou fazer 39 daqui a alguns dias é porque, desde os seis, não sei por que eu ainda estou aqui, porque foram dos seis até os 29 tentando me matar. E não é por acaso que

CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
SECRETARIA DE REGISTRO PARLAMENTAR E REVISÃO – SGP.4
NOTAS TAQUIGRÁFICAS SEM REVISÃO

REUNIÃO: 21360 DATA: 19/09/2025 FL: 61 DE 66

fls 62

hoje, no doutorado na Universidade de São Paulo, eu me preocupo com o fato de as nossas populações terem um índice cada vez maior de suicídio. E o suicídio, na verdade, não é uma coisa que acontece por acaso, salvo, às vezes, é o risco de nós, em crise, nos perdermos e acabarmos, sem querer, tirando a própria vida. É um desejo de morte num mundo que não nos quer, que não nos cabe, que não nos deseja.

E se hoje eu consigo pesquisar, eu vou pesquisar pela nossa vida. Eu vou pegar toda a raiva que eu tenho e eu vou organizá-la para transmitir dados sobre nós, sobre a nossa vida, e sobre as possibilidades de vida para além da humanidade falida, desse projeto social falido, que tem um projeto de sexo e gênero que não nos cabe, que não cabe nem às pessoas cis, quanto mais a nós.

Esse é um projeto que machuca todos, e, principalmente, quem é racializado. É um projeto que muitas crianças, como nós, que somos neurodivergentes diagnosticados tardiamente – porque pessoas trans têm sete vezes mais chances de ter incongruência de gênero; pessoas autistas e pessoas neurodivergentes têm mais chances de serem pessoas trans, ou pessoas LGBTQs, visto que esse sistema sexo/gênero não funciona.

Tem também questões que nós precisamos pensar que não é por acaso que nós queremos morrer, não é auto ódio; não é porque não gostamos de nós próprios, que odiamos o nosso corpo, é o mundo que não nos cabe. E o mundo que não nos cabe tem que acabar porque nós temos que existir. E se o mundo não nos cabe, ele que se arrombe, porque nós estamos existindo. (Palmas)

A SRA. PRESIDENTE (Erika Hilton) – Não só conseguiu como conseguiu com excelência, com maestria.

Chamo agora para fazer uso da palavra Jonas Maria. O relógio marca neste momento 22h30min51s.

Estão encerradas, então, as inscrições presencialmente. Nós iremos, então, abrir agora as inscrições feitas de maneira remota. Acho que antes de abriremos as inscrições remotas, nós agradecemos a presença de todas, todos e todes. Dizemos que foi uma noite de muita

alegria, de muita festa. Agradecemos aos convidados da Mesa. Agradecemos ao Julian por ser o nosso mestre de cerimônia.

O SR. JULIAN SANTOS – Eu que agradeço. Obrigado, pessoal.

A SRA. PRESIDENTE (Erika Hilton) – Dizer que ocupar esta Casa é um ato de coragem, é um ato de resistência, é um ato de valentia. E nós seguiremos ocupando. A nossa Vereadora protocolou três projetos, dando nome de praças para figuras importantes, como Paulo Vaz, Demétrio Campos e Anderson Herzer, aqui para a cidade de São Paulo. Esses projetos devem ser aprovados. E agora, a nossa Vereadora, a nossa Deputada, eu falei, você viu, não é?

Gente, eu vou agradecer a presença de todos aqui e agradecer o empenho da nossa equipe *show*, que organizou todo o por trás dessa grande audiência. Obrigada, obrigada, obrigada. Em especial, os nossos transmasculinos, Dani, Felipe, Zana, Caio, Rafa, enfim, gente.

E antes da nossa Vereadora entrar para a próxima lista, que é a lista das duas pessoas que se inscreveram de maneira virtual, lista de inscritos para a participação virtual, um anjo me diz que esse momento não será um momento muito agradável, muito feliz. Então, eu gostaria de convidar a todos que foram convidados por nós e fazem parte para que com calma, de maneira muito tranquila, sem nenhum tipo de estresse, possamos nos levantar, nos retirarmos da sala, irmos até lá fora fazermos uma foto belíssima, enquanto a nossa Vereadora chama os outros inscritos e encerra os trabalhos.

Obrigada.

- Assume a presidência a Sra. Amanda Paschoal.

A SRA. PRESIDENTE (Amanda Paschoal) – Calma. Gente, estou pegando a lista. Estou procurando. Agora, a primeira pessoa da lista, inscrita, temos a Tânia. Calma, a Tânia não está, gente. A Tânia Regina. Mas eu esperava que a Tânia não aparecesse. Vem. Gente, onde está a Tânia? Calma, gente, agora vamos lá. Agora... Eu ainda vou chamar. Quem é o Gabriel? Gabriel Piauhy, é você? Vem, querido, ocupe o púlpito. *Habla*.

O SR. GABRIEL PIAUHY LIMA DA SILVA – Quem não quer ouvir sai muito rápido, porque eu vou falar. Isso aí, filma todo mundo saindo aí. Vocês perderam a melhor oportunidade

de cobrar o pessoal que representa vocês lá na Câmara Federal.

A SRA. PRESIDENTE (Amanda Paschoal) – Pode falar diretamente para a Presidenta da Mesa.

O SR. GABRIEL PIAUHY LIMA DA SILVA – Então eu vou falar diretamente para você. Olha aqui, Presidenta, é o seguinte, Presidenta, você faz um serviço aqui dentro, iludindo esse pessoal. Fazendo-os acreditar que a realidade deles é tão dura assim. Mas você venceu. Você venceu por mérito próprio.

A SRA. PRESIDENTE (Amanda Paschoal) – Será?

O SR. GABRIEL PIAUHY LIMA DA SILVA – Sim, você venceu.

A SRA. PRESIDENTE (Amanda Paschoal) – Gente!

O SR. GABRIEL PIAUHY LIMA DA SILVA – Falam tanto de respeito.

A SRA. PRESIDENTE (Amanda Paschoal) – Respeito, respeito, respeito.

O SR. GABRIEL PIAUHY LIMA DA SILVA – E é isso que eles fazem. Você venceu por mérito próprio. Você ocupou o seu cargo. Está certo? E ninguém, absolutamente ninguém, pode negar que a sua legislatura é legítima. Está certo?

A SRA. PRESIDENTE (Amanda Paschoal) – Legitimíssima.

O SR. GABRIEL PIAUHY LIMA DA SILVA – Legítima. Erika Hilton, que estava sentada aqui, também é legítima. Também tem uma legislatura legítima. A vida do trans masculino, do transsexual no geral, é uma vida comum. É uma vida comum. Onde absolutamente...

A SRA. PRESIDENTE (Amanda Paschoal) – Você é trans?

O SR. GABRIEL PIAUHY LIMA DA SILVA – Sou.

A SRA. PRESIDENTE (Amanda Paschoal) – Trans masculino?

O SR. GABRIEL PIAUHY LIMA DA SILVA – Sou. Sou trans masculino.

A SRA. PRESIDENTE (Amanda Paschoal) – Então a sua vida é normal?

O SR. GABRIEL PIAUHY LIMA DA SILVA – Normal. Absolutamente normal. E vocês buscam justamente manter o povo refém dessa ideologia de que eles precisam da ajuda

CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
SECRETARIA DE REGISTRO PARLAMENTAR E REVISÃO – SGP.4
NOTAS TAQUIGRÁFICAS SEM REVISÃO

REUNIÃO: 21360 DATA: 19/09/2025 FL: 64 DE 66

fls 65

de vocês, salvadoras da pátria? Não. Todo trans pode conseguir o seu próprio emprego, pode vencer na vida através do seu próprio esforço. Só que vocês vendem uma mentira para esse pessoal, para eles acreditarem que eles precisam de vocês.

A SRA. PRESIDENTE (Amanda Paschoal) – É, agora já deu o tempo, Gabriel, para você concluir.

O SR. GABRIEL PIAUHY LIMA DA SILVA – Tempo para quem? Não tem mais ninguém para falar.

A SRA. PRESIDENTE (Amanda Paschoal) – Não, está falando para mim. A Presidenta da Mesa.

O SR. GABRIEL PIAUHY LIMA DA SILVA – E você tem muito o que ouvir. Está certo? Então, por favor, exerça o seu papel.

A SRA. PRESIDENTE (Amanda Paschoal) – Eu exerço. De uma maneira brilhante. De uma maneira brilhante.

O SR. GABRIEL PIAUHY LIMA DA SILVA – Eu não tenho dúvida.

A SRA. PRESIDENTE (Amanda Paschoal) – Estou aqui te escutando, querido. Muito obrigada pela sua contribuição. Uma pena o trabalho que é desenvolvido pelo seu movimento.

O SR. GABRIEL PIAUHY LIMA DA SILVA – Você não sabe.

A SRA. PRESIDENTE (Amanda Paschoal) – Eu tenho missão.

O SR. GABRIEL PIAUHY LIMA DA SILVA – Não, não, não. Não me confunda.

A SRA. PRESIDENTE (Amanda Paschoal) – Eu tenho missão.

O SR. GABRIEL PIAUHY LIMA DA SILVA – Não me confunda.

A SRA. PRESIDENTE (Amanda Paschoal) – Muito obrigada.

O SR. GABRIEL PIAUHY LIMA DA SILVA – Não tem nada de missão.

A SRA. PRESIDENTE (Amanda Paschoal) – Vou pedir para você concluir porque eu tenho que chamar a próxima pessoa, que é...

O SR. GABRIEL PIAUHY LIMA DA SILVA – A próxima pessoa vai dar o tempo para

mim. Está tudo bem.

A SRA. PRESIDENTE (Amanda Paschoal) – Não, não tem nada de dar tempo.

O SR. GABRIEL PIAUHY LIMA DA SILVA – Está tudo bem.

A SRA. PRESIDENTE (Amanda Paschoal) – Não existe. Olha aqui o meu regimentalista dizendo que não existe dar o tempo.

O SR. GABRIEL PIAUHY LIMA DA SILVA – Deixa-me te falar uma coisa.

A SRA. PRESIDENTE (Amanda Paschoal) – Conclua.

O SR. GABRIEL PIAUHY LIMA DA SILVA – Está certo. Vou concluir, então. Então, veja bem. Vocês estão ouvindo. Não dá. Não dá para dialogar. Não dá para dialogar nesse espaço. Está entendendo?

A SRA. PRESIDENTE (Amanda Paschoal) – Esse corte acho que não vai dar certo, querido. Mas eu agradeço.

O SR. GABRIEL PIAUHY LIMA DA SILVA – Não dá para dialogar.

A SRA. PRESIDENTE (Amanda Paschoal) – Eu agradeço por sua contribuição.

O SR. GABRIEL PIAUHY LIMA DA SILVA – Eu acho que ficou bem explícito. Acho que ficou bem explícito aqui que todas essas pessoas são os verdadeiros intolerantes. Eles não sabiam o que eu queria falar.

A SRA. PRESIDENTE (Amanda Paschoal) – Gabriel. Gabriel, muito obrigada, viu, querido?

O SR. GABRIEL PIAUHY LIMA DA SILVA – Eles impediram o meu time de entrar.

A SRA. PRESIDENTE (Amanda Paschoal) – Gabriel, muito obrigada.

O SR. GABRIEL PIAUHY LIMA DA SILVA – Olha, eu vou falar uma coisa...

A SRA. PRESIDENTE (Amanda Paschoal) – Muito obrigada pela sua contribuição.

O SR. GABRIEL PIAUHY LIMA DA SILVA – Como representação do povo...

A SRA. PRESIDENTE (Amanda Paschoal) – Muito obrigada pela sua contribuição.

O SR. GABRIEL PIAUHY LIMA DA SILVA – Nesse caso, você falhou.

A SRA. PRESIDENTE (Amanda Paschoal) – Muito obrigada. Deus abençoe. João

CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
SECRETARIA DE REGISTRO PARLAMENTAR E REVISÃO – SGP.4
NOTAS TAQUIGRÁFICAS SEM REVISÃO

fls 67

REUNIÃO: 21360 DATA: 19/09/2025 FL: 66 DE 66

Vitor. João Vitor vai falar? Não? Matheus de Oliveira não vai falar? Muito obrigada.

Declaro encerrados os trabalhos desta audiência pública.